

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL VISCONDE DE
SÃO LEOPOLDO

80  anos
COLÉGIO AGRÍCOLA
São Leopoldo - RS

Equinocultura

Prof.: FERNANDO DEWES

Aluno: _____

Turma: _____

Equinocultura

A equinocultura é a arte de criação de equinos, podendo ser de forma extensiva, semi-extensiva e confinada.

Na natureza, o cavalo é um animal nômade, rotineiro, que vive em grupo, tendo como líder, em situações normais, uma égua mais experiente. Já em situações de perigo, o garanhão toma a iniciativa e, visando proteger o grupo, encara o inimigo ou se esquia do confronto, liderando a fuga de toda a tropa.

Os equídeos são animais herbívoros, de grande porte e, no convívio com seres humanos, têm como característica principal de defesa a fuga, o que os deixa em constante estado de alerta, fazendo com que se assustem facilmente. Para facilitar o convívio do animal com as pessoas que irão trabalhar ou lidar com ele, é importante, portanto, que se conheça seus sentidos, proporcionando mais segurança e benefícios nessa convivência.

Evolução Equina:

Nos equinos encontramos uma escala evolutiva notavelmente completa, através da descoberta de registros fósseis da evolução equina. Ao contrário da maioria dos animais, nos equinos foi possível reconstruir toda a sua evolução. Este fato teve grande importância no estudo da espécie, pois podemos entendê-la, acompanhando as mudanças que o meio ambiente determinou à espécie, ou seja, as adaptações que foram impostas pela natureza à medida que as dificuldades de sobrevivência foram surgindo.

O aparecimento do cavalo primitivo é da era terciária do período Eoceno (mais ou menos 55 milhões de anos), sendo que o primeiro ancestral a surgir foi o Hyracotherion, mamífero de pelo liso, que vivia em florestas e se alimentava de brotos e folhas. Seus dentes eram próprios para a trituração destes vegetais, possuíam quatro dedos em cada membro anterior e três dedos nos posteriores, de pequeno porte, medindo aproximadamente 25 centímetros. Era encontrado por toda América do Norte Eurásia, contudo sua evolução continuou somente no continente norte americano, vindo a extinguir-se no velho mundo, sendo que todas as espécies subsequentes que surgiram nos outros continentes, derivam da América do Norte.

No decurso de milhões de anos de evolução, seu dorso tornou-se mais reto, seus dedos foram igualmente atrofiando e seu porte aproximadamente o de um cachorro grande, crescendo sempre, através dos tempos, o cavalo foi sofrendo várias modificações no formato do crânio, na distribuição dos dentes e no comprimento dos membros.

Os cavalos selvagens que ainda hoje são encontrados na Ásia, embora em pequeno número (aproximadamente 60 animais) são os *Equus Przewalskyis*, descobertos em 1879 no deserto próximo as fronteiras russo-chinesas.

O cavalo moderno é um ponto culminante de uma só, dentre muitas linhas de evolução. Chegou, porém as dimensões e características gerais que hoje apresenta, ainda no período pré-histórico.

CLASSIFICAÇÃO ZOOLOGICA DOS EQUINOS

Classe - Mamíferos

Ordem – Perissodactyla

Família – Equídeos (Asinino, Muares e Equinos)

Gêneros - *Equus*

Espécie – *Caballus*

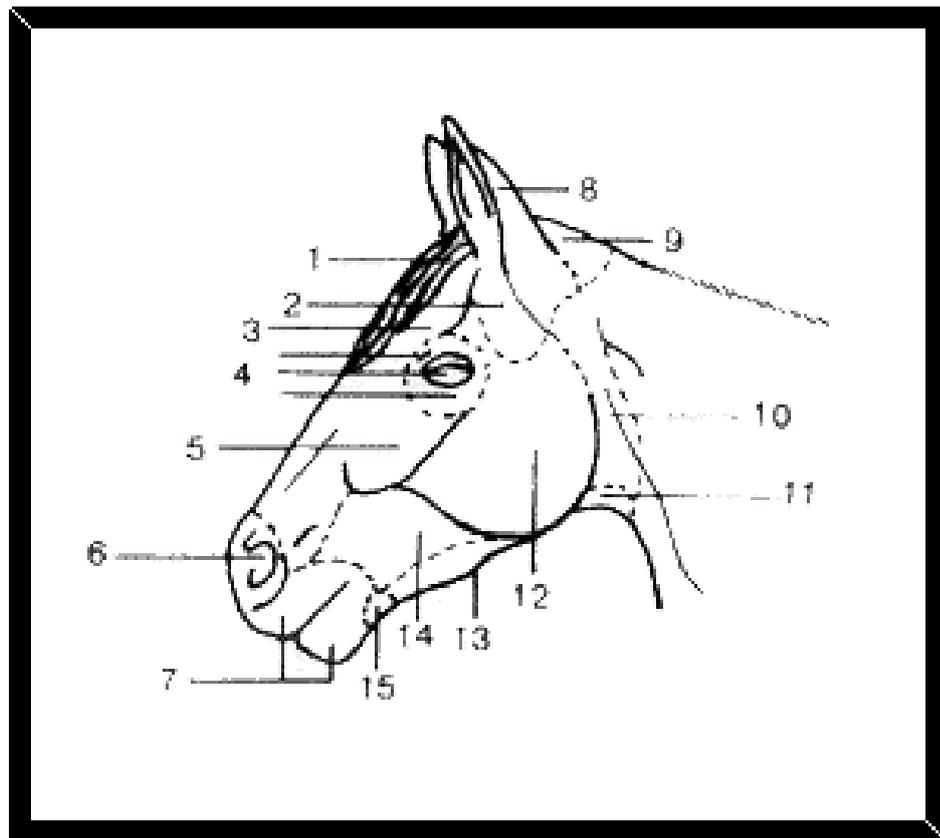
Raça –

Linhagem -

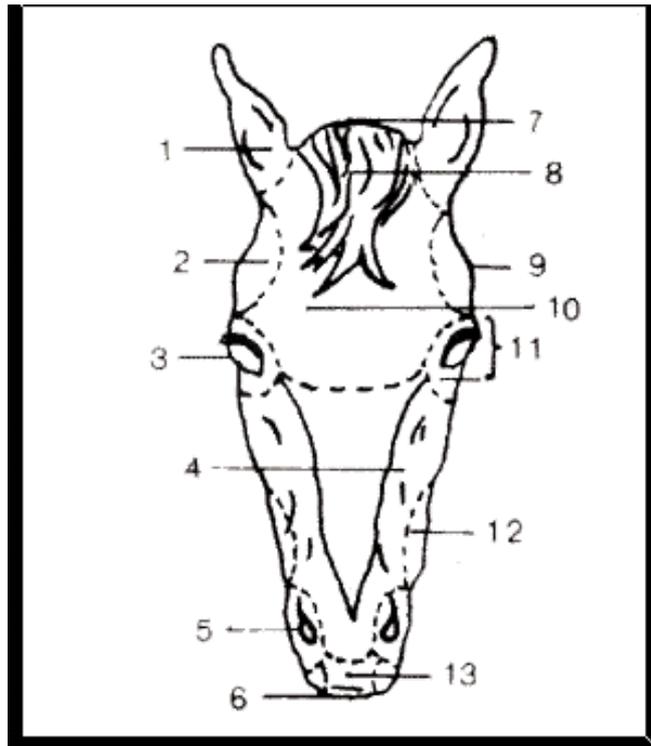
Anatomia dos Equinos

Os equídeos são animais cujas função e estrutura estão em total interação. O corpo é adaptado, de uma forma geral, para a velocidade e os membros muito especializados. A força de que esses animais necessitam é suportada por músculos muito bem desenvolvidos, ligados aos membros e ao tronco. As partes zootécnicas são:

Cabeça: pode variar em relação a conformação, tamanho, implantação das orelhas, formato e tamanho dos olhos, entre outros fatores.

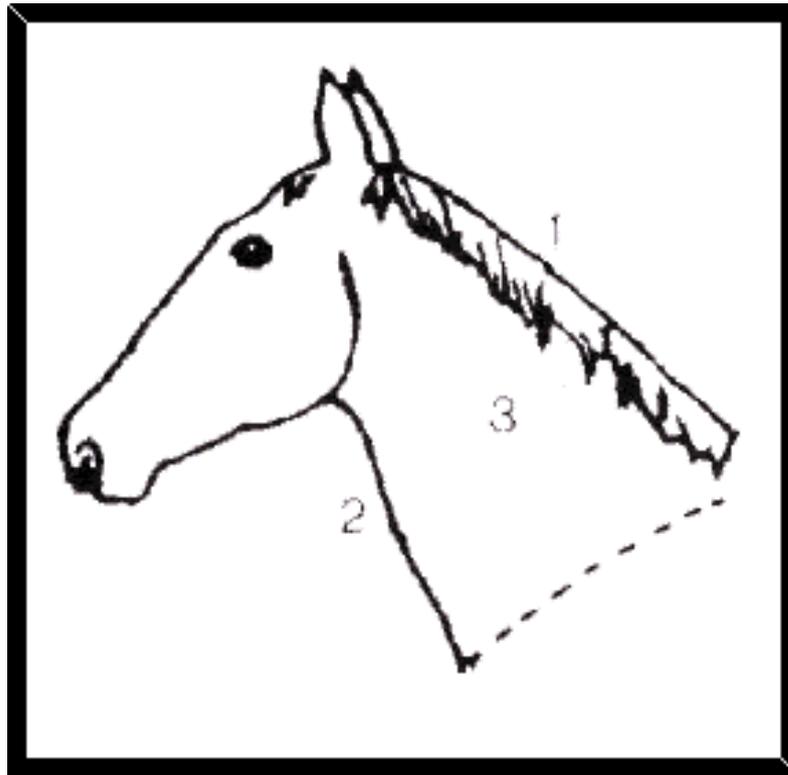


1. **fronte e topete**
2. **fonte**
3. **olhal**
4. **olho**
5. **chanfro**
6. **narina**
7. **lábios**
8. **orelha**
9. **nuca**
10. **parótida**
11. **chato da bochecha**
12. **ganacha**
13. **bolsa da bochecha**
14. **barba**



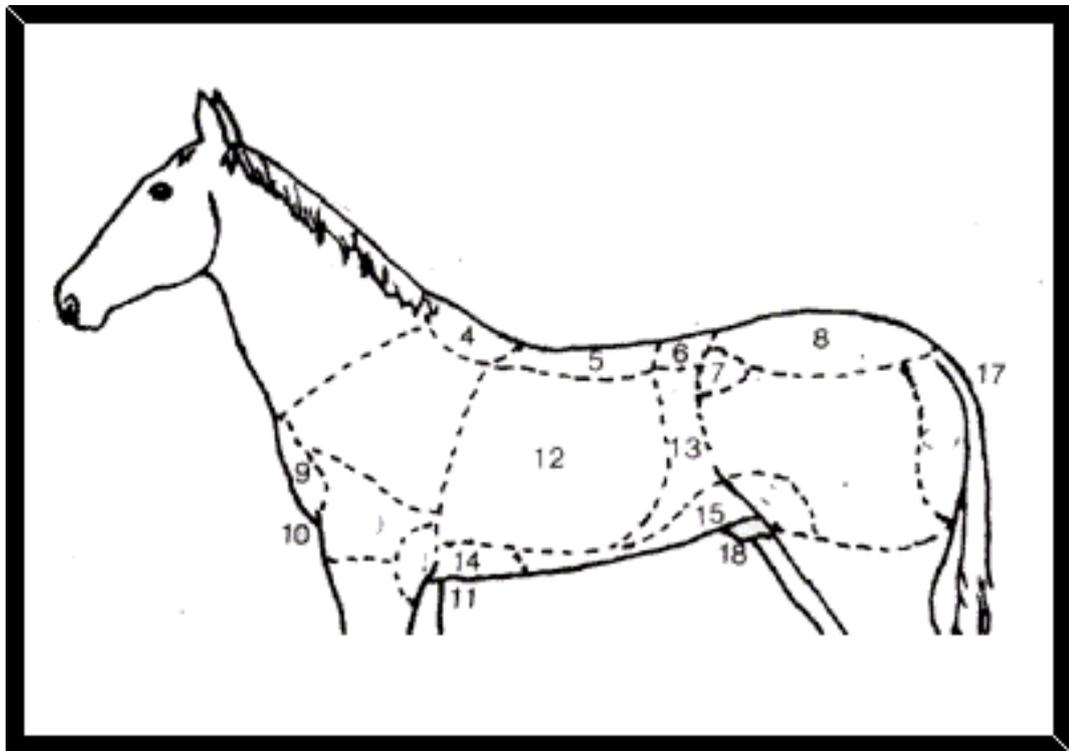
1. orelha
2. olhal
3. olho
4. chanfro
5. narina
6. boca
7. nuca
8. topete
9. fonte
10. fronte
11. pálpebra
12. bochecha
13. ponta do focinho

Pescoço: pode variar em relação ao seu tamanho, forma e direção.

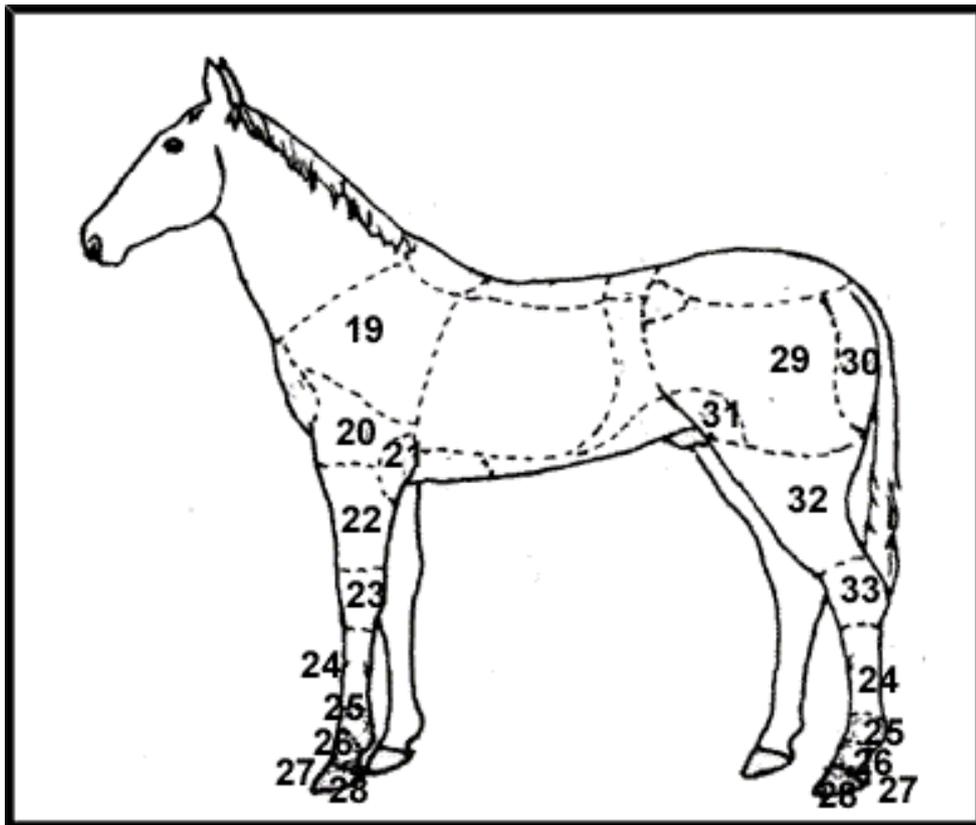


1. Crineira e bordo superior
2. Bordo Inferior
3. Tábua do pescoço

Tronco: possui cinco pontos fundamentais: cernelha, dorso, lombo, garupa e peito. Os membros anteriores e posteriores, também chamados de mãos e pés, apresentam, em suas extremidades finais, os cascos.



- 4- Cernelha
- 5 e 6-lombo
- 7- anca
- 8-garupa
- 9-peito
- 10-interaxila
- 11-axila
- 12-contado
- 13-flanco
- 14-colhadouro
- 15-ventre
- 16-virilha
- 17-cauda
- 18-órgãos genitais



19-espádua

20-braço

21-codilho

22-antebraço

23-joelho

24-canela

25-boleto

26-quartela

27-coroa

28-casco

29-coxa

30-nádega

31-soldra

32-perna

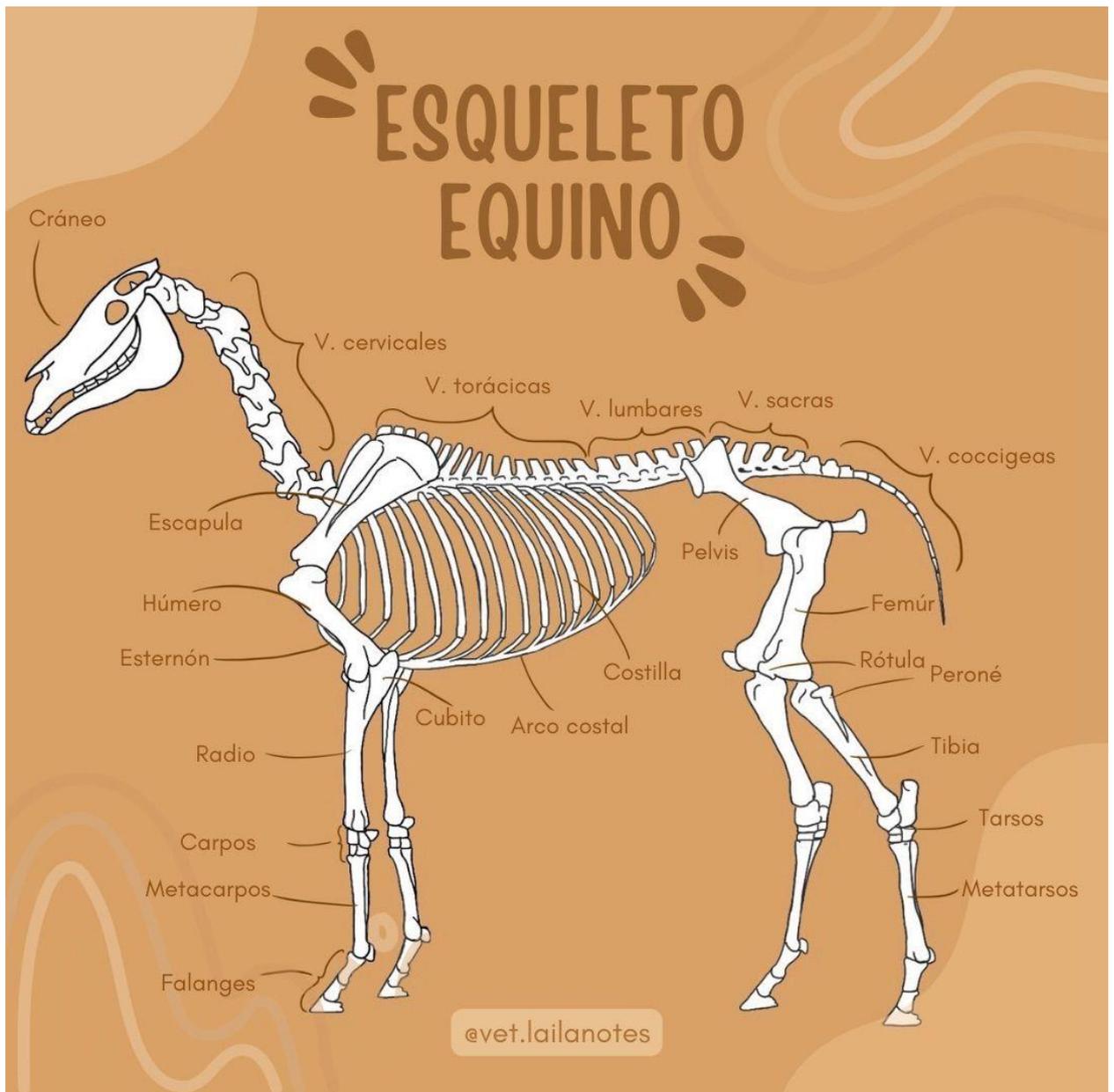
33-jarrete



toda matéria

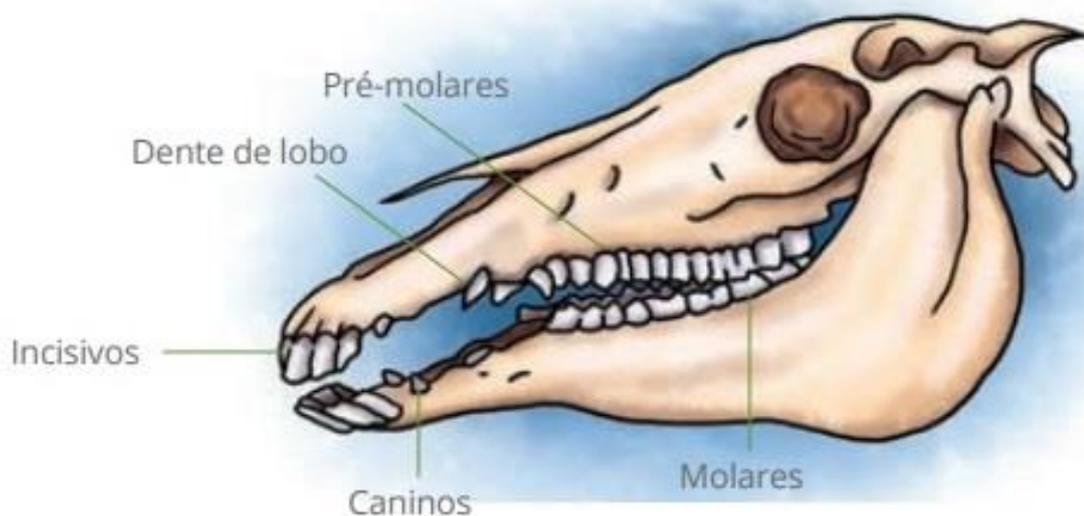
Esqueleto dos Equinos

O cavalo é constituído por cerca de 210 ossos, o esqueleto tem como função suportar os músculos e os órgãos internos, mas dá também mobilidade suficiente, devido às articulações para que o animal se deite, paste e se desloque a diversas velocidades. As articulações são formadas por ossos, que são cobertos por cartilagem e são ainda constituídas por uma cápsula que produz um lubrificante sinovial e por ligamentos que seguram os ossos.



Dentição Equina:

Os equídeos possuem dentes de diferentes formatos, chamados de incisivos, caninos, pré-molares e molares. Os incisivos são 12 dentes (seis inferiores e seis superiores) cuja função é apreender (abocanhar) e cortar a forragem. Já os dentes caninos superiores e inferiores variam em quantidade de acordo com cada animal. O equino adulto possui 12 dentes pré-molares (seis inferiores e seis superiores) e 12 dentes molares (seis inferiores e seis superiores), cuja função é triturar e mastigar os alimentos. O dente considerado vestigial, anterior ao primeiro pré-molar, é identificado como dente de lobo. Um cavalo adulto macho possui 40 dentes, enquanto as fêmeas adultas normalmente apresentam somente 36, com ausência dos dentes caninos. A dentição dos equinos sofre constantes alterações ao longo da vida, que vão desde a substituição dos dentes de leite (decíduos) por definitivos (permanentes), passando pelo aparecimento de novos dentes (caninos, dentes de lobo, pré-molares e molares), além dos sucessivos crescimento e desgaste, inerentes à espécie.



A determinação da idade de um equino, pela análise dos dentes, deve ser realizada por um técnico especializado em odontologia equina, que fará uma estimativa. Entretanto, via de regra, tal determinação está normalmente limitada ao exame dos dentes incisivos. O conhecimento da dentição equina pode auxiliar na identificação de alguns problemas, tais como:

- » Perda de peso;
- » Dificuldade de engordar;
- » Incômodo com a embocadura;
- » Puxões nas rédeas;
- » Movimento da cabeça de um lado para o outro;
- » Movimento da cabeça para cima e para baixo;
- » Relutância com agressividade;
- » Derrame de ração fora do cocho;
- » Lentidão na mastigação e deglutição;
- » Deposição do alimento dentro da boca;
- » Dificuldade de preensão (ato de prender e puxar) do alimento;
- » Cólicas recorrentes;
- » Fibras de capim longas e grãos não quebrados nas fezes;
- » Descarga nasal;
- » Aumento de volume na face;
- » Fístulas faciais; e
- » Problemas relacionados ao temperamento.

Dentes incisivos

Existem 3 dentes incisivos em cada quadrante denominados de pinças, cantos e médios.

Um cavalo adulto possui 12 dentes incisivos (6 em cada arcada formando um arco contínuo) cuja função passa por preensão e corte. Este arco é vertical nos animais mais jovens, mas tende a ficar horizontal com o passar dos anos.

Os dentes incisivos inferiores são utilizados para estimar a idade que é avaliada com alguma precisão devido as alterações sofridas, ao longo da vida, como o ângulo de oclusão e alteração da forma da mesa dentária.

Dentes Caninos

Existem 4 dentes caninos. Podendo estar ausentes ou ser rudimentares em alguns casos como acontece nas fêmeas.

Encontram-se localizados caudalmente aos cantos, sendo que nos machos possuem uma forma cônica, comprida lateralmente, mais próximos dos incisivos do que dos molares. Ao contrário dos restantes dentes, os caninos não são de erupção contínua. A sua erupção ocorre por volta dos 4-6 anos de idade.

Os caninos superiores e inferiores são semelhantes e apresentam uma forma curva, sofrem desgaste através do contacto com os alimentos e embocaduras usadas. As principais funções são defesa e ataque.

Dentes de lobo

Correspondem ao primeiro pré-molar e a prevalência destes dentes é maior a nível maxilar. A sua forma e tamanho variam bastante.

Não possui qualquer função e interfere com o conforto do equino, por isso é indicada a sua extração, sobretudo em animais que utilizem uma embocadura, devido à vibração causada pelo toque da mesma no dente.

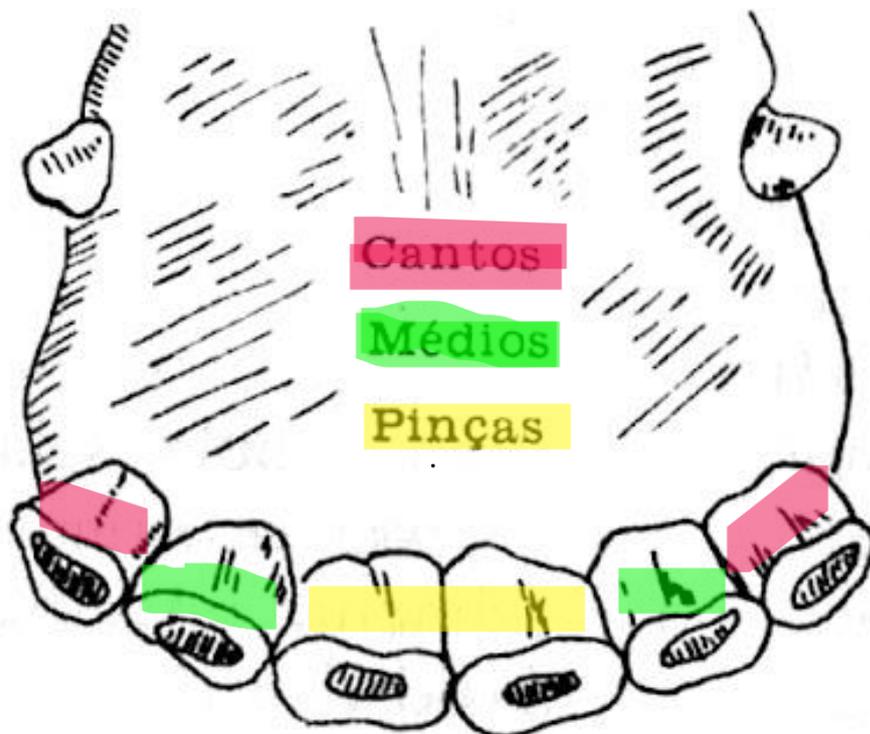
Dentes Pré-molares e Molares

Existem 3 ou 4 dentes pré-molares e 3 dentes molares em cada arcada, dependendo da presença do dente de lobo. Tanto os pré-molares como os molares de cada arcada são semelhantes exceto

os primeiros e os últimos de cada série. A sua erupção ocorre entre os 6-18 meses, mas caso não ocorra são chamados de “cegos”.

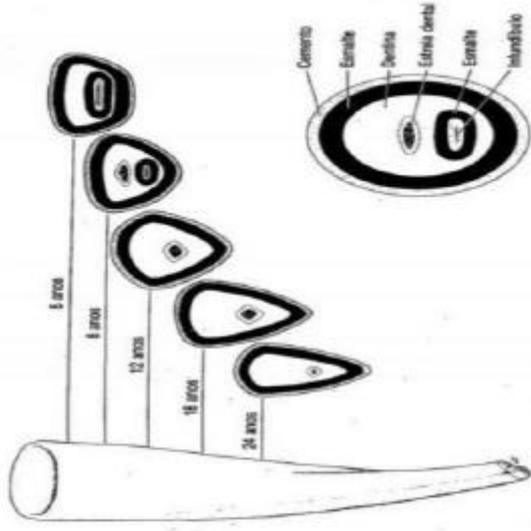
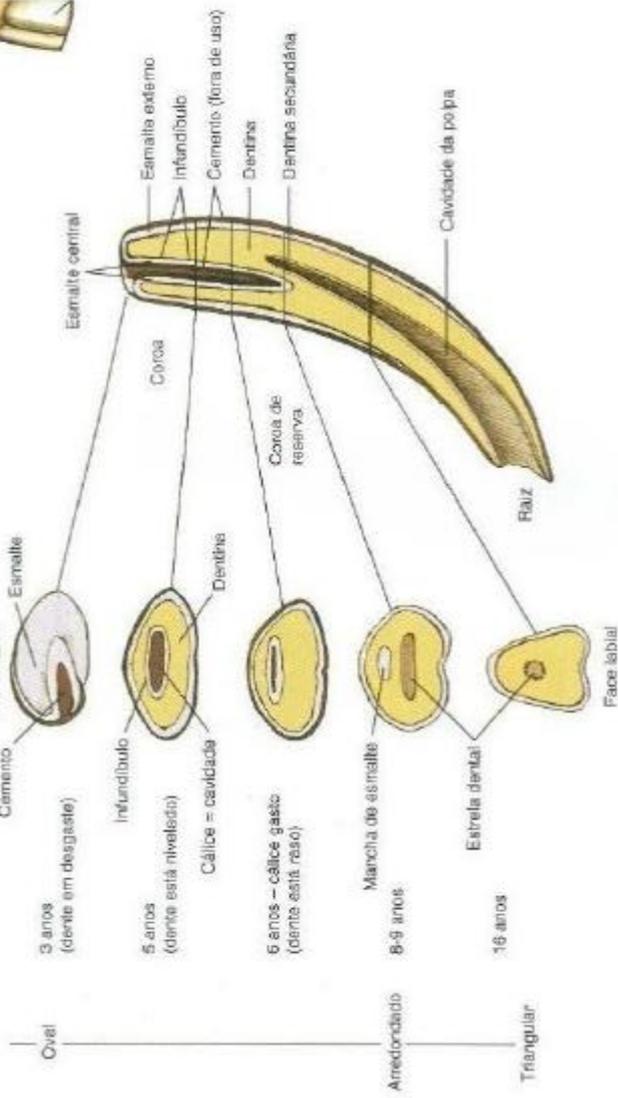
Normalmente, estes dentes acabam por ser retirados, devido à dor que causam ao tocar na embocadura o que torna mais difícil a condução do cavalo. As suas funções estão relacionadas com mecanismos de mastigação e trituração dos alimentos.

Troca Dentária:



Os dentes incisivos são denominados de pinças, médios e cantos, havendo sua troca de dente de leite para dente permanente conforme a idade do animal.

- 30 a 36 meses troca das PINÇAS;
- 42 a 48 meses troca dos MÉDIOS;
- 54 a 60 meses troca dos CANTOS.



Oval
 Arredondado
 Triangular

Músculos:

No corpo do cavalo existem três tipos de músculo: o cardíaco, específico do coração e não pode ser controlado conscientemente; o suave, que é involuntário e faz parte do sistema circulatório e digestivo; e do esqueleto, que é aquele que é capaz de produzir os movimentos, que mantém a postura e estabiliza as juntas, esse músculo fica sob controle consciente, mesmo contraindo involuntariamente como resposta a um reflexo.

São aproximadamente 700 músculos que compõem o esqueleto do cavalo. Os músculos do esqueleto possuem diversos formatos e tamanhos e respondem a impulsos motores dos nervos, são elásticos e têm alto poder de contração. Ele tem uma “barriga” que compreende as milhares de fibras que estão entrelaçadas a fascia, um tecido conectivo.

Essas fibras diminuem em direção às pontas do músculo e reduzem sua circunferência até que elas fiquem em forma de um tendão, ou seja, os músculos são fixados e movem o esqueleto.



Pele:

A pele do cavalo representa entre 5 a 10 metros quadrados, dependendo do seu tamanho. E o maior órgão do cavalo está sujeito a todo o tipo de influências, internas e externas, que podem perturbar o seu equilíbrio.

Efectivamente, a pele está exposta a todo o tipo de doenças, infecciosas ou não. Estas últimas não são geralmente fatais, mas podem causar desconforto no cavalo, especialmente quando são acompanhadas de prurido.

Além de serem, por natureza, visíveis, os problemas de pele podem dar uma imagem de negligência da parte do proprietário do cavalo, ou podem mesmo torná-lo inutilizável; daí a importância de uma gestão rápida da situação.

O cavalo é um dos animais que transpira para regular a sua temperatura durante o exercício.

Uma higiene adequada evita o desenvolvimento de patógenos, assim como a escovar diariamente para um bom cuidado da pelagem.

Os cavalos disfrutam de banhos com água límpida e quente, sempre com champôs adequados ao pH da sua pele. Contudo, as lavagens frequentes também acarretam riscos, como a perda da oleosidade da pele, o que os torna menos resistentes às infecções.

Pelagens:

A pelagem do cavalo é uma referência à coloração geral que caracteriza um cavalo.

De maneira mais detalhada, a pelagem é o conjunto formado principalmente pela pele, pelos do corpo, crina e a cauda do animal, podendo envolver também a cor dos olhos e cascos.

Simple e uniformes

são aquelas que apresentam pelos, crinas e cauda de uma só tonalidade.

Branca: compostas exclusivamente de pelos brancos. Praticamente extintas.

Pois contém o Gene W que causa uma morte embrionária. • Pseudo – albina: Conhecida como pombo ou gázeo.

Pelos brancos em pele com ausência total de pigmentação. Olhos coloridos (azulados ou castanhos);

Preta: Formada por pelos, crina e cauda de coloração preta.

- Preta maltinta: Pelagem preta com reflexos avermelhados na região do flanco e axilas, mas com a cabeça de tonalidade preta;

- Preta azeviche: Pelagem preta de tonalidade forte, com reflexos azulados;

Alazã: Com pêlos, crina e cauda de coloração vermelha variando de vermelha escura a amarelada. A crina pode ser de tonalidade mais clara.

- Alazã cereja: Pelos de tonalidade vermelho forte, lembrando a cor da cereja;

- Alazã tostada: Pelos de tonalidade vermelho escura, lembrando a cor de café torrado;

- Alazã amarela: Pelos de tonalidade amarela com crina e cauda creme ou branca;

- Alazã acima de baía: Pelos de tonalidade amarela com crina, cauda e extremidades avermelhadas;

Simple e uniformes com crina, cauda e extremidades pretas

São basicamente três pelagens que fazem parte desta categoria, mas variando cada pelagem nas diferentes tonalidades (

Castanha: pelos com tonalidade vermelha com crina, cauda e extremidades pretas.

- Castanha clara: O vermelho é de tonalidade mais clara. A tonalidade preta dos ombros pode não atingir toda a canela;
- Castanha escura: Pelos de tonalidade vermelha escura com crina, cauda e extremidades pretas;
- Castanha pinhão: Pelos de tonalidade vermelha bem escura, quase preta com crina, e extremidades pretas;
- Castanha zaina: Pelagem castanha pinhão, sem particularidades nas cabeças e nos membros.

Baia: pelos de tonalidade amarela que variam do claro ao bronzeado com crina, cauda e extremidades pretas.

- Baia palha: Pelos amarelos bem claros lembrando a cor a palha de milho;
- Baia escura: Pelos amarelos escuros;
- Baia encerada: Pelos amarelos bem escuros, lembrando a cor da cera natural;

Pelo de rato: Pelos de tonalidade cinza, lembrando a cor de rato com crina e cauda pretas. Somente em asininos e muars.

Compostas

Definem a característica desta categoria como interpolação de pelos de duas ou três cores diferentes, distribuídas pelo corpo do animal, a variação de cores pode ocorrer no mesmo pelo. Sendo apenas quatro as pelagens que fazem parte desta categoria.

Tordilha: Interpolação de pelos brancos e pretos por todo o corpo do animal, inclusive crina e cauda, a pele é pigmentada.

Nascem escuros e vão clareando a medida que envelhecem, sempre um dos pais tem que ser da pelagem tordilha. Podem ser encontrados pelagens tordilhas em diversas tonalidades, como as descritas a seguir:

- Tordilha negra: Pelagem preta com alguns pelos brancos interpolados acontece no início do clareamento;
- Tordilha escura: Pelagem tordilha com predomínio dos pêlos pretos;
- Tordilha clara: Pelagem tordilha com predomínio dos pelos brancos;
- Tordilha ruça: Não se observa mais os pelos pretos, pelos brancos por todo o corpo com excessiva pigmentação na pele das extremidades;
- Tordilha cardã: Pelagem tordilha com reflexos avermelhados ou amarelados Comum nos tordilhos que nascem castanhos, alazões ou baios;
- Tordilha pedrês: Quando os pelos pretos formam pequenos tufo no fundo branco;

Rosilha: Interpolação de pelos brancos nas diversas pelagens com predomínio da pelagem de fundo na cabeça. Os potros já nascem rosilhos e não sofrem clareamento com o avançar da idade.

Lobuna: Interpolação de pelos amarelos e pretos com predomínio dos pelos pretos na cabeça. As duas tonalidades podem estar no mesmo pelo.

Ruão: Interpolação de pelos vermelhos, pretos e brancos. Somente asininos e muares.

Conjugadas Presença de malhas brancas despigmentadas em qualquer outra pelagem

Pampa: Conjugação de malhas brancas despigmentadas bem delimitadas com qualquer outra pelagem.

A designação Pampa precede o nome da pelagem de fundo se a proporção de malhas brancas for maior que a pelagem de fundo e deve vir depois do nome da pelagem, se as malhas brancas estiverem em menor proporção.

Apaloosa: Qualquer pelagem que apresentar malha despigmentada na garupa, podendo atingir lombo, dorso, cernelha e costados, apresenta pintas da pelagem de fundo nessa malha.

Persa ou leopardo: Pelos brancos e pele com deficiência de pigmentação com pequenas malhas circunscritas de outra pelagem de fundo, distribuídas por todo o corpo do animal.

Oveira: Malhas de despigmentação de contorno irregular em qualquer pelagem de fundo, as malhas despigmentadas nunca cruzam a região dorsal.

Particularidades de pelagens

São sinais de forma e extensão variáveis, distribuídos na pelagem em diferentes partes do corpo.

- Gerais: Não têm sede fixa no corpo do animal. Podem ocorrer em várias partes.

- Especiais: São caracterizadas por áreas delimitadas, cobertas de pelos brancos. Podem ser observadas na cabeça, pescoço, tronco e membros.

Particularidades gerais

- Apatacado: Variação na tonalidade da pelagem com formação de manchas circunscritas e arredondadas;

- Salpicado: Pelos brancos esparsos sobre a pelagem;
- Rodopios: Alteração na direção natural dos pelos de forma arredondada, pode ocorrer nas regiões da cabeça, garganta, pescoço, peito e flancos;

- Espiga: Rodopio de forma alongada, denominada de seta quando no tronco do animal, espada de São Jorge quando no peito do animal;

Particularidades especiais

- Cabeça:



Alguns Pêlos
brancos



Estrela



Estrela em
meia lua



Luzeiro com
início de filete



Filete



Luzeiro



Bebe em branco
superior



Estrela
em triângulo



Bebe em
branco



Pêlos brancos na fronte (pêlos brancos esparsos localizados na região da fronte);

Vestígios de Estrela: Pequena malha branca na fronte, sem despigmentação da pele;

Estrela: Pequena malha branca com pele despigmentada na região da frente. Pode ter formato de estrela, meia-lua ou de coração;

Luzeiro: Grande malha branca também situada na frente, com pele despigmentada;

Filete: Listra fina de pêlos brancos, geralmente com pele pigmentada, localizada na região do chanfro;

Cordão: Listra grossa de pêlos brancos, com pele despigmentada, localizada no chanfro;

Frente Aberta: Malha branca despigmentada que recobre toda a frente e chanfro;

Beta: Mancha branca isolada, entre as narinas;

Ladre: Mancha branca entre as narinas que se apresenta ligada ao cordão ou filete;

Bebe em Branco: Lábios superior e inferior brancos. Essa particularidade pode estar localizada só no lábio inferior (bebe em branco inferior). Essa particularidade pode estar localizada só no lábio superior (bebe em branco superior);

Bocalvo: Malha branca despigmentada que recobre a região do focinho (narinas e boca);

Malacara: Malha branca despigmentada que recobre toda a frente, todo o chanfro e atinge a região do focinho e bochecha;

Celhado: Quando o animal apresenta os cílios brancos; •
Pescoço:

Crinalvo: Crina branca, particularidade que pode ser encontrada na pelagem alazã;

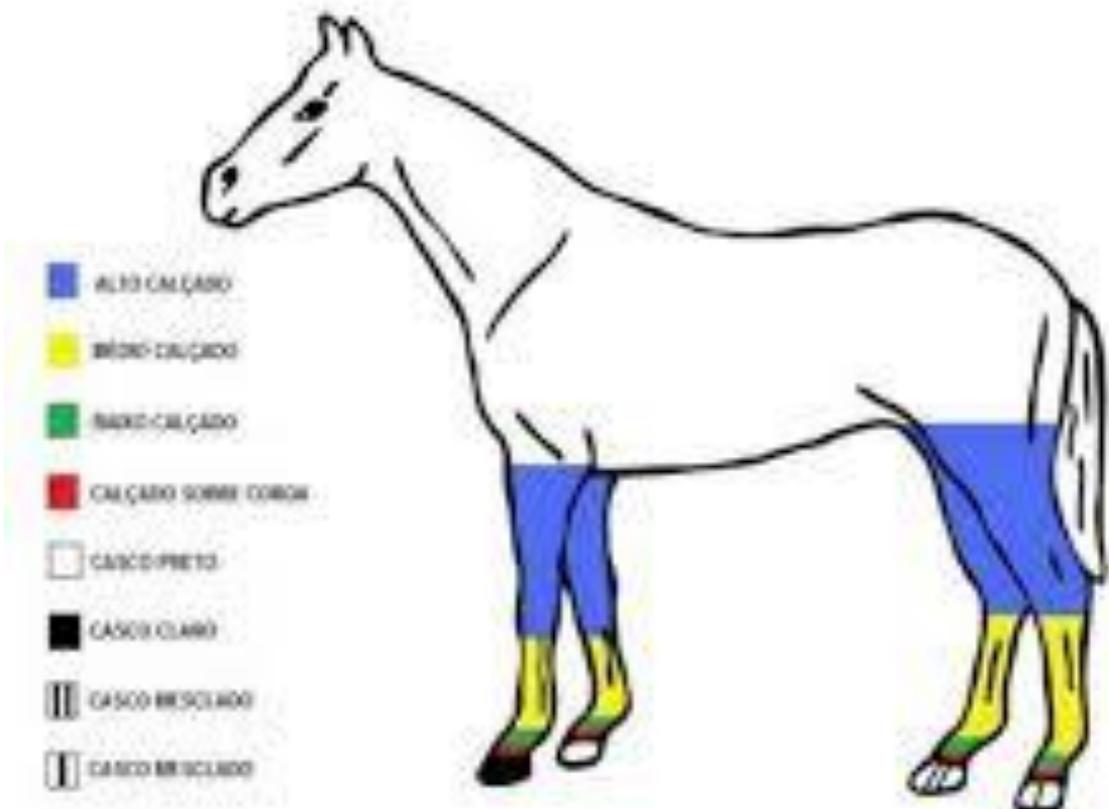
• Tronco:

Faixa Crucial: Faixa de pêlos escuros que parte da cernelha em direção à espádua. Pode apresentar-se sob a forma de vestígio;

Listra de Burro: Faixa de pêlos escuros que se localiza na região dorsal, iniciando na cernelha e terminando na inserção da cauda;

Bragado: Toda pelagem que apresentar malha ou malhas brancas na região ventral do tronco é considerada bragada;

- Membros:



Casco Rajada ou Mesclado: Casco escuro com listra (s) brancas;

Casco Branco: Casco todo claro;

Calçado sobre Coroa: Pele despigmentada com pêlos brancos sobre a coroa do casco;

Baixo Calçado: Malha branca, com pele despigmentada, que recobre o membro na região compreendida entre coroa e boleto (quartela), não atingindo a articulação metacarpo ou metatarso falangeana (boleto);

Médio Calçado: Malha branca, com pele despigmentada, que tem início na coroa e deve atingir ou ultrapassar o boleto, mas termina abaixo das articulações do joelho (radiocarpometacarpiana) e/ou jarrete (tíbiotarsometatarsiana);

Alto Calçado: Malha branca, com pele despigmentada, que tem início na coroa e deve atingir ou ultrapassar as articulações do joelho (radiocarpometacarpiana) e ou jarrete (tíbiotarsometatarsiana);

Zebruras: Listras escuras transversais nos membros, pode ocorrer em um ou mais membros;

Calçamento Arminhado: Calçamento igual nos membros;

Manalvo: Calçamento igual nos membros anteriores;

Pedalvo: Calçamento igual nos membros posteriores;

Trivalvo: Calçamento igual em três membros;

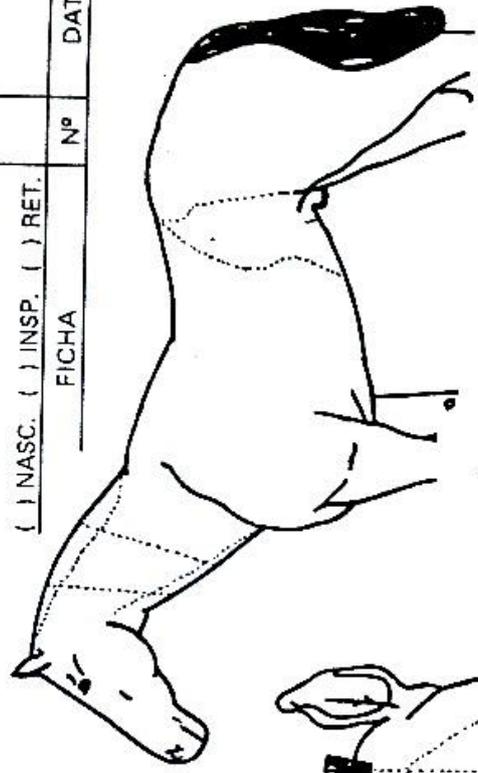
Quatralvo: Calçamento igual nos quatro membros;

Lateral: Calçamento igual em membros do mesmo lado;

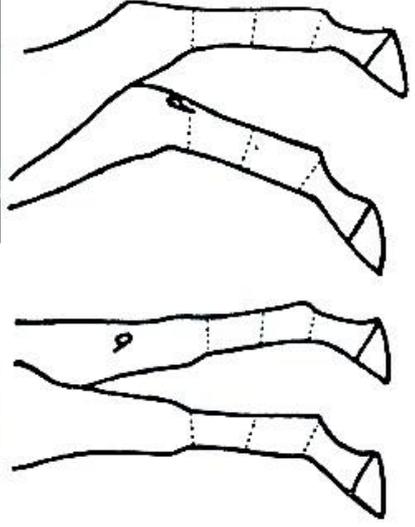
Diagonal: Calçamento igual em um membro anterior e um membro posterior, mas de lado oposto.



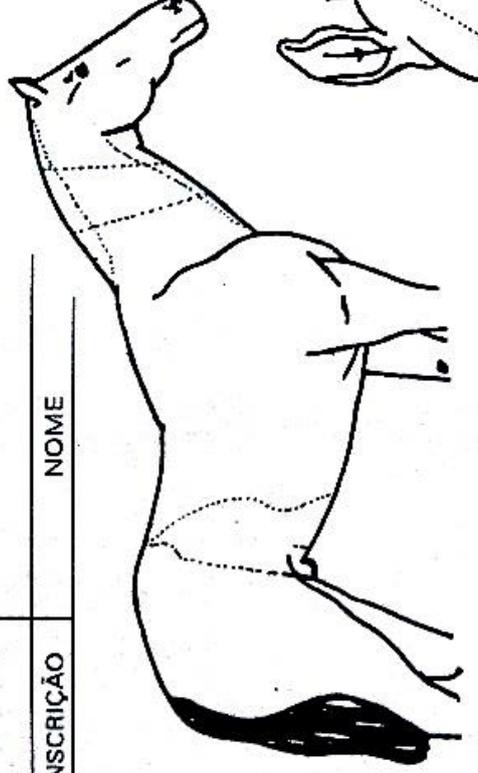
() NASC. () INSP. () RET.
 FICHA Nº DATA



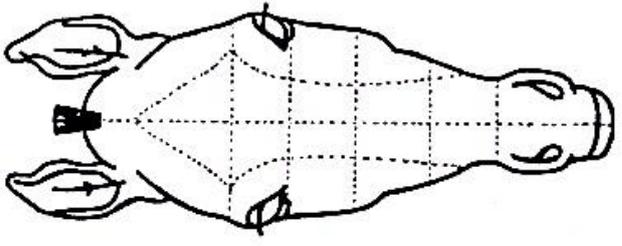
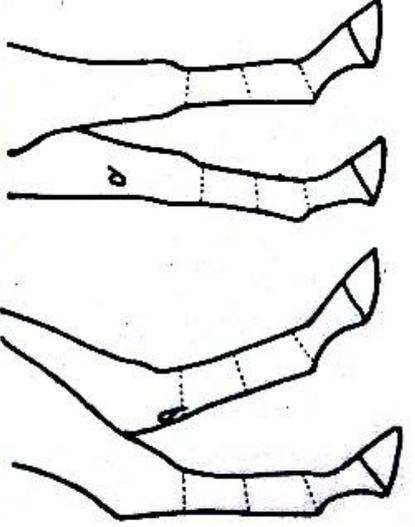
Sexo _____
 Pelagem _____
 Nasc. _____



INSCRIÇÃO NOME



Pai _____
 Mãe _____



Audição:

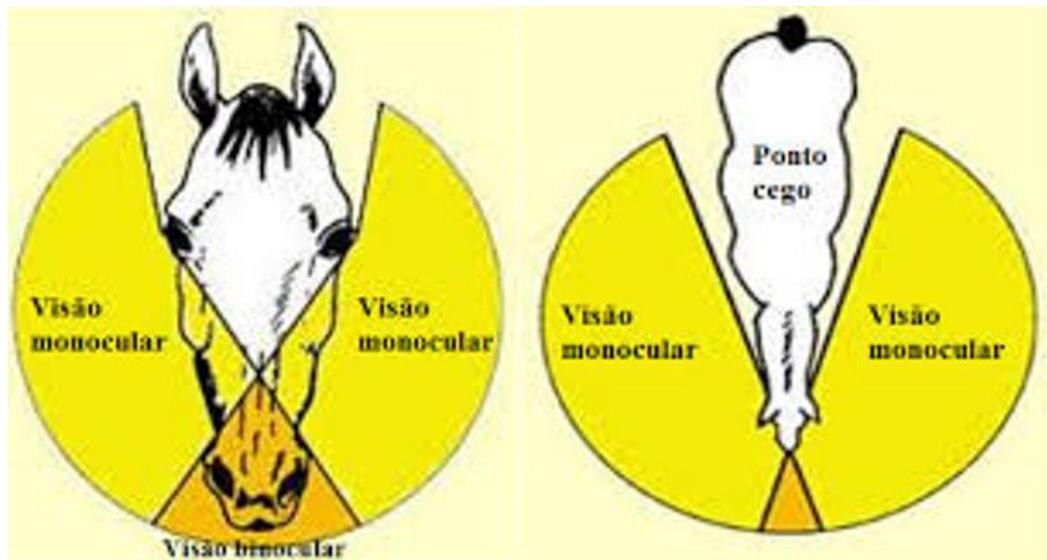
os cavalos possuem uma audição privilegiada, que lhes permite, além de ouvir ruídos a distância, distinguir seus diferentes tipos e suas mais diversas direções, fazendo com que movimentem suas orelhas de modo característico. Tal habilidade permite aos animais preverem o perigo mesmo antes do contato visual com ele, além de lhes conferir certa preferência por ruídos mais baixos, justificando sua confiança em tons de voz mais tranquilos e seu receio frente a gritos e barulhos altos.

Olfato:

Na natureza, os cavalos conseguem perceber odores a aproximadamente 2 km de distância.

Quando domesticados, esse sentido fica ligeiramente atenuado, embora ainda seja de fundamental importância tanto para o reconhecimento de outros animais e do ambiente quanto das pessoas com as quais eles convivem diariamente.

Visão:



Os cavalos possuem excelente visão diurna e noturna, embora sejam susceptíveis a variações bruscas de contraste entre o claro e o escuro.

O campo de visão total de um humano atinge valores entre 160 e 200 graus, enquanto o dos cavalos pode ser bem maior, embora

menos profundo. Seus olhos estão posicionados nas laterais da cabeça, o que lhes confere um campo de visão de quase 180° em cada olho.

Isso significa que, quando estão pastando, podem ver quase tudo à sua volta, com exceção da área logo atrás do traseiro e bem à frente da cabeça. V

Nenhum outro mamífero apresenta olhos tão grandes e posicionados um em cada lado da cabeça, o que lhes permite alcançar uma visão independente em cada olho, processando diferentes imagens em seu cérebro. Esses animais podem usar os focos de cada olho de maneira independente (visão monocular) ou também os dois olhos juntos (visão binocular).

A visão binocular permite que julguem distâncias e abrange um campo relativamente estreito de visão.

Paladar:

O paladar permite aos cavalos reconhecer os sabores, além de sentir a textura dos alimentos ingeridos. Sua língua é capaz de diferenciar os sabores ácido, amargo, salgado e doce.

Notadamente, os equídeos preferem os alimentos doces, mas os salgados são importantes dada a sua necessidade fisiológica, graças à perda d'água e de sais minerais por meio de intensa sudorese (suor).

Tato:

O tato é muito apurado nos cavalos, sendo o toque a forma mais direta de comunicação entre eles e as pessoas. Esse sentido é muito utilizado pelos equinos em suas atividades diárias e é importante para seu bem-estar e para sua comunicação com outros animais e com o ambiente onde habitam.

O tato dos equídeos acontece pela percepção cutânea e pela sensibilidade dos cascos e das vibrissas (bigodes).

- Percepção cutânea: é fundamental no contato entre o ser humano e os equídeos. Os cavalos possuem um músculo cutâneo, embaixo da pele, que recobre grande parte de seu corpo. Esse músculo está envolvido tanto na manutenção da temperatura superficial do corpo quanto na remoção de partículas aderidas à pele quando eles se espojam (ato de rolar) ou se deitam. Atua como mecanismo de defesa contra moscas, quando fora do alcance da cauda e da boca, explicando a alta sensibilidade dos animais ao toque e a denominação “animais cosquentos”, termo muito comum no meio equestre.

- Cascos: os cascos dos equinos são constituídos por um tecido córneo, semelhante ao cabelo e às unhas, que possui inúmeros vasos sanguíneos e ramificações mais finas dos nervos, o que proporciona a algumas partes externas (ranilha e lâmina córnea) alta sensibilidade tátil para perceber a aproximação de pessoas ou de outros animais. A sensibilidade percebida pelos cascos faz com que os equinos sintam o terreno e evitem buracos e outros obstáculos, conseguindo se deslocar bem em lugares acidentados.

- Vibrissas: são pelos táteis presentes no focinho dos equinos utilizados para perceber a proximidade de objetos, tais como um cocho com alimento, uma vez que a visão da área na ponta do focinho é reduzida.

Os cavalos costumam demonstrar seus sentimentos e suas emoções por meio do movimento das orelhas, uma de suas principais características:



Atenção: orelhas voltadas para a direção do que lhes atrai a atenção no momento.

Desconfiança com receio: orelhas levemente abaixadas para trás.

Raiva: orelhas muito baixas, ou “murchas”, encostando levemente no pescoço, feição expressando descontentamento e pescoço esticado.

Insatisfação: orelhas desatentas e caídas.

Alerta: orelhas retas e posicionadas para a frente.

Outra particularidade dos cavalos é o ato de bocejar e realizar movimentos de mastigação sem estarem com qualquer alimento na boca. Tal comportamento indica relaxamento e confiança na pessoa que lida com eles.

Principais Raças Equinas

Andaluz:

A raça equina Andaluz, também conhecida no século XIX como puro sangue espanhol, é considerado o cavalo de sela mais antigo do mundo, era o cavalo preferido da Europa, visto como um animal leve para exportações.

Ficou conhecido e popular pela sua resistência e facilidade para adestramento por sua inteligência, sendo um cavalo dócil.

O Andaluz foi introduzido no Brasil pelos colonizadores espanhóis, mais tarde, em 1975 a Associação Brasileira de Criadores dos Cavalos Andaluz foi criada, sendo assim, os cavalos começaram a ser registrados no território nacional, ganhando seu espaço e originando novas raças.

É um cavalo de porte médio, eumétrico, com 1,52 a 1,62 metros de altura na cernelha, sendo comprida. Com pelos curtos e crina longa que se destaca no seu corpo, o peso pode variar entre 400 e 650 kg.

Seu tronco é proporcional ao corpo, com garupa redonda, média e inclinada. O cavalo andaluz pode ter diferentes cores, podendo ser preto, castanho, palomino, cinza, alazão, branco, mas a principal é tordilho. O mesmo não possui a pelagem malhada.

Appaloosa:

Appaloosa é uma raça de cavalos que se destaca por sua pelagem única, caracterizada por manchas escuras distribuídas sobre uma pelagem básica em diferentes cores, como preto, alazão, castanho, zaino, baio, palomino, tordilho e rosilho. A raça tem suas origens nas Américas, formada a partir de cavalos introduzidos por colonizadores europeus.

A peculiar pelagem dos Appaloosas é resultado de uma seleção rigorosa feita ao longo de mais de 100 anos, enfocando resistência, coragem e a presença das manchas.

Os exemplares que não atendiam a essas características eram castrados e utilizados apenas como montaria.

Os Appaloosas são conhecidos por sua versatilidade em diversas disciplinas equestres. Eles são usados em esportes, como corridas, rédeas, saltos, laço, trabalho com gado, hipismo e competições de conformação. Sua adaptabilidade torna-os populares em várias modalidades esportivas.

Árabe

O Puro Sangue Árabe embora não existam registros escritos que indiquem com absoluta precisão o seu início, sabe-se que a criação do cavalo árabe é a mais antiga da humanidade. Sua existência pode ser estimada em mais de três mil anos, a partir de desenhos de cavalos orientais em paredes de pedra e objetos de arte encontrados em países como Egito, Grécia e no Sudeste Asiático.

Pelagens: castanha, alazã, tordilha e preta, todas elas com as respectivas variações, sendo admitidas também as pelagens baia e suas variações, pampa e pintada, excepcionalmente para os animais Cruza Árabe.

Andar: passo e trote. Galope agradável, devido ao comprimento dos membros posteriores e sua elasticidade, também em passo rápido, com o pé posterior avançado bem além do anterior. Desenvolve um bom trote naturalmente.

Brasileiro de Hipismo

O cavalo Brasileiro de Hipismo, conhecido como BH, é um animal de boa estrutura física e conformação, com grande aptidão para os esportes equestres olímpicos. Raça formada no Brasil com cruzamentos entre as mais importantes linhagens europeias de cavalos de adestramento e salto, como Hanoverana, Oldenburger, Holsteiner e Sela Francesa, junto a cavalos Puro Sangue Inglês (considerado indispensável na formação da raça) e Árabes.

O BH é um cavalo alto, com altura superior a 1,65 m. Mas que apesar disso, é considerado um cavalo leve e ágil, pesando em média 550 kg. Tem cabeça expressiva, nobre e com todos os contornos ósseos bem destacados. Possui pescoço médio, que fica bem destacado do seu peito e espáduas. O conjunto cabeça-pescoço funciona como um balanceador de equilíbrio juntamente com seu peso e mecânica dos movimentos. Os membros são fortes e extensos, com excelente biomecânica para o salto. São considerados animais de forte esqueleto ósseo. Seu lombo é largo e forte, fazendo uma ligação perfeita com a garupa.

Animal com características de comportamento de coragem, inteligência e elegância. Apesar de ser uma raça energética e determinada, seu temperamento é muito dócil e fácil de lidar. Além de cavalos muito carinhosos.

Bretão

O Bretão é um cavalo de tração de porte médio, com temperamento dócil e de fácil manejo.

As pelagens Alazã , castanha, e rosilha e suas variações, não sendo admitidas nos animais puros as pelagens tordilha, pampa e pseudo-albina.

Sua altura mínima de 1,52 m para machos e 1,47 m para fêmeas. Altura média desejada de 1,58m. Podem chegar a 1,70m.

O peso em média de 650 kg para fêmeas e 850 kg para os machos, podendo chegar a 1.100 kg.

Campolina

A raça teve origem no ano de 1870, quando Cassiano foi presenteado por Dom Pedro II, com uma égua marchadora que se chamava Madeia, que estava prenha de um cavalo da raça europeia Andaluz. O resultado deste cruzamento foi o primeiro

animal da raça, um potro nomeado de Monarca em que não se sabe ao certo seu local de nascimento, mas acredita-se que tenha sido entre Rios de Minas - MG.

São animais de porte grande, tendo peso médio de 500 Kg e a altura para os machos pode variar de 1,58m e para as fêmeas de 1,52m, mas podem chegar a atingir 1,75 m. Não existe diferença de padrões entre machos e fêmeas, ambos apresentam a cabeça de formato trapezoidal, ou seja, vista de perfil deve formar um trapézio, o perfil retilíneo e convexilíneo no chanfro.

A pelagem mais comum é a baia, mas podem ser encontradas e admitidas outras como a alazã, castanha, preta, branca, tordilha e pampa.

Os Campolinas são animais de temperamento dócil, de fácil adestramento, fortes e resistentes. Essas qualidades permitem com que seja usado tanto para trabalhos no campo como a lida com o gado, quanto provas funcionais e até mesmo para o esporte e lazer pelo fato de que sua marcha promove certa comodidade aos cavaleiros.

Crioula

O Cavalo Crioulo com sua origem nos equinos das raças espanholas Andaluz e Jacas, os Cavalos Crioulos foram trazidos da península ibérica no século XVI pelos colonizadores. Estabelecidos na América do Sul, principalmente na Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Peru e sul do Brasil, muitos desses animais passaram a viver livres.

Durante quatro séculos, as manadas selvagens que foram formadas enfrentaram temperaturas extremas e condições adversas de alimentação. Tais adversidades imprimiram nestes animais algumas de suas características mais marcantes, como a rusticidade e a resistência.

Foi em meados do século XIX que fazendeiros do sul do continente sul-americano começaram a tomar consciência da importância e da qualidade dos cavalos que vagavam por suas terras. A nova raça, bem definida e com características próprias, passou a ser preservada, vindo a ganhar notoriedade mundial a partir

do século XX, quando a seleção técnica exaltou o valor e comprovou as virtudes do Cavallo Crioulo.

Em Bagé/RS, no ano de 1932, foi então fundada a Associação Brasileira de Criadores de Cavallos Crioulos (ABCCC), com a missão de preservar e difundir a raça no país - para conhecer a história da entidade.

Mais de meio século depois da fundação da ABCCC, a prova do Freio de Ouro transformou-se em uma importante ferramenta de seleção, motivando a otimização morfológica e funcional da raça, que possui mais de 400 mil animais distribuídos em território brasileiro.

Mangalarga Machador

A raça Mangalarga Marchador é tipicamente brasileira e surgiu há cerca de 200 anos na Comarca do Rio das Mortes, no Sul de Minas, através do cruzamento de cavallos da raça Alter, trazidos da Coudelaria de Alter do Chão, em Portugal, com outros cavallos selecionados pelos criadores daquela região mineira.

A base de formação dos cavallos Alter é a raça espanhola Andaluza, cuja origem étnica vem de cavallos nativos da Península Ibérica, germânicos e berberes. Os cruzamentos dessas raças deram origem a animais de porte elegante, beleza plástica, temperamento dócil e próprios para a montaria.

Os primeiros exemplares da raça Alter chegaram ao Brasil em 1808, com D. João VI, que se transferiu para a Colônia com a família real. Os cavallos dessa raça eram muito valorizados em Portugal e a família real investia em coudelarias (haras) para o aprimoramento da raça. A Coudelaria de Alter foi criada em 1748 por D. João V e viveu momentos de glória durante o século XVIII, formando animais bastante procurados por príncipes e nobres europeus para as atividades de lazer e serviço.

Minas Gerais já se destacava como centro criador de equinos desde o século XVIII e a chegada dos cavallos da raça Alter veio aprimorar ainda mais seus criatórios. A Comarca do Rio das Mortes tinha um potencial de ouro muito baixo, mas chamou a atenção dos

colonizadores por causa das suas boas condições para a criação dos animais. Havia água em abundância e a vegetação era constituída de matas, capões e ervas pardacentas, adequadas para a produção de forragem.

O Mangalarga Marchador teve como berço a fazenda Campo Alegre, no Sul de Minas. Ela pertencia a Gabriel Francisco Junqueira, o Barão de Alfenas, a quem é atribuída a responsabilidade pela formação da raça. A fazenda era uma herança de seu pai, João Francisco Junqueira. Outro fazendeiro importante na história do Mangalarga Marchador foi José Frausino Junqueira, sobrinho de Gabriel Junqueira. Exímio caçador de veados, José Frausino aprendeu a valorizar os cavalos marchadores por serem resistentes e ágeis para transportá-lo em suas longas jornadas.

Há várias versões para o nome Mangalarga Marchador, mas a mais consistente está relacionada à fazenda Mangalarga, localizada em Paty do Alferes, no Rio de Janeiro. O nome da fazenda era o mesmo de uma serra que existia na região. Seu proprietário era um rico fazendeiro que, impressionado com os cavalos da família Junqueira, adquiriu alguns exemplares para os passeios elegantes realizados no Rio de Janeiro. Quando alguém se interessava pelos animais, ele indicava as fazendas do Sul de Minas. As pessoas procuravam os fazendeiros perguntando pelos cavalos da fazenda Mangalarga e esta referência se transformou em nome. Já o nome Marchador foi acrescentado pelo fato de alguns daqueles cavalos terem a função de marchar em vez de trotar.

Mangalarga Paulista

O cavalo Mangalarga teve sua origem no cavalo da Península Ibérica. Os cavalos trazidos pelos colonizadores do Brasil eram nativos da Península Ibérica e Berbere.

Com a vinda da Família Real Portuguesa ao Brasil, foram também trazidos os melhores espécimes Lusitanos da Coudelaria Real de Áter, fato que desempenhou papel decisivo na formação da raça, pois os reprodutores trazidos nessa viagem, assim como seus

descendentes foram muito utilizados pelos criadores da época para o melhoramento de seus rebanhos.

Os primeiros animais vieram de criatórios da família Junqueira, do sul de Minas Gerais, que trouxeram exemplares e se estabeleceram na região de Orlandia e Colina (SP), onde definiram as bases de sua seleção.

O Mangalarga Paulista foi formado pelo Tenente-Mor Francisco Antônio Diniz Junqueira e seus descendentes, que se estabeleceram com fazendas, em 1812, onde é hoje o Município de Orlandia, para onde levaram cavalos.

Puro sangue Inglês

O puro-sangue inglês (PSI ou thoroughbred) é uma raça de cavalos originária da Inglaterra. Sua principal utilização, devido à sua grande velocidade e estamina, é em competições esportivas como o turfe (corridas) e o hipismo.

O puro-sangue inglês foi desenvolvido durante os séculos XVII e XVIII na Inglaterra, pelo cruzamento de éguas locais com garanhões árabes e berberes, muitas vezes trazidos das campanhas militares na Ásia. A necessidade da melhora do desempenho em pistas dos animais existentes nas ilhas britânicas derivou do gosto popular crescente pelas competições, originalmente restritas às propriedades rurais para distração dos landlords (senhores de terras).

- Costuma-se dizer que as linhagens masculinas descendem fundamentalmente de três garanhões base:
- Byerley Turk, ou linha paterna de seu descendente Herod (King Herod).
- Darley Arabian ou linha paterna de seu descendente Eclipse. É o ramo mais numeroso nos dias atuais.
- Godolphin Barb (também chamado Godolphin Arabian) ou linha paterna de seu descendente Matchem.

Os nomes destes cavalos referiam-se aos nomes dos proprietários: Capitão Byerley, Thomas Darley e Lord Godolphin, respectivamente.

Atualmente prevalece largamente a linha paterna de Darley Arabian com mutações adaptativas provavelmente ocorridas em seu descendente Eclipse, o filho deste Pot-8-os ou o neto deste, Waxy.[2]

Um cavalo tordilho necessariamente tem um de seus progenitores também tordilho, e os garanhões base não eram tordilhos. O aparecimento da pelagem tordilha nos thoroughbred deve-se às linhas maternas descendentes de tordilhos que foram cruzadas com os três garanhões base.

O tordilho originário mais referido é Alcock's Arabian, através de Crab, cuja mãe descendia do também tordilho Fairfax Morocco Barb (também chamado Old Morocco Barb)

Gene da velocidade

Foi descoberto o gene associado a uma mutação da miostatina, presente em famílias de cavalos muito velozes.[6].[7]

Registros

A origem e características de cada animal thoroughbred são registradas por organismos denominados Stud Book. O primeiro Stud Book foi criado na Inglaterra em 1793.

Os thoroughbreds tem, para fins de inscrição em corridas (enturmação), suas datas de mudança de idade convencionadas: os nascidos no hemisfério norte, cumprem anos em 1 de janeiro; os nascidos no hemisfério sul o fazem em 1 de julho.

O primeiro puro-sangue nascido no Brasil (em 1874) que tornou-se reprodutor registrado no antigo stud book nacional tinha o nome do país.

Puro sangue Lusitano

Considerado o cavalo de sela mais antigo do mundo Ocidental, o Puro Sangue Lusitano se originou dos cavalos autóctones da Península Ibérica do período Paleolítico. Domesticados a partir do II milênio a.C., estes animais passaram a ser cruzados com os cavalos berberes que chegaram à região do Norte da África, quando ainda existia terra no estreito de Gibraltar, ligando os dois continentes

Depois deste intercâmbio pré-histórico se registrou um significativo aumento da saída de equinos da Península Ibérica, especialmente durante o Império Romano (264-146 a.C.), período em que milhares destes animais circulavam da África para a Europa, da Europa para a África e por todo o interior europeu.

No entanto, o Puro Sangue Lusitano começou a conquistar em definitivo seu espaço aproximadamente a partir do quarto século d.C. com o advento da cavalaria pesada, introduzida no final do Império Romano. A batalha de Poitiers em 732 – quando Carlos Martel interrompeu o avanço do Islã na Europa – promoveu o início da decadência da Cavalaria Ligeira no Velho Continente, e deu lugar aos cavalos pesados, de tração. Desta fase até o século XVIII o “cavalo guerreiro da Lusitânia” começou a sofrer uma nova transformação que contribuiria, em definitivo, para a formação do Lusitano mais robusto que conhecemos nos dias de hoje.

No século XVI os espanhóis dominaram Portugal, proibindo exportação de equinos, a prática do toureio e, ainda, transferindo para a Espanha todos os animais de guerra que puderam confiscar em Portugal. Deixaram, no entanto, os cavalos de toureio, inadequados para a cavalaria pesada. O fato acabou salvando o cavalo Lusitano.

Com a guerra da restauração (1640-1668) houve um novo massacre da tropa, e quando o conflito terminou a Corte Portuguesa começou a reconstruir a criação local, mas, por ironia do destino, tendo que utilizar os animais da Espanha, únicos cavalos ibéricos sobreviventes. Houve apenas uma exceção em Portugal: os cavalos selecionados pela família Veiga. Foi neste período que Portugal adotou a palavra “Coudelaria” para designar as propriedades que se dedicam à seleção de cavalos.

A criação se intensificou a partir de 1756, quando D. João V submeteu todas as coudelarias à autoridade real.

Vieram as guerras Napoleônicas, e a partir do século XIX a seleção de cavalos como arma de guerra virou prioridade em Portugal e na Espanha, onde os militares estavam no comando da criação. A partir da segunda metade do século XIX a artilharia se aperfeiçoou, surgiram as armas de fogo e os veículos motorizados, provocando o fim da cavalaria para fins bélicos. Este momento histórico da trajetória do cavalo possibilitou que a criação do Puro Sangue Lusitano voltasse a passar por mais um processo rigoroso de melhoramento genético, desta vez com a intenção de produzir um cavalo para tempos de paz.

O Puro Sangue Lusitano voltou a utilizar os antigos processos de seleção, recuperando a pureza racial do cavalo Ibérico. Diferentes coudelarias investiram no aprimoramento de suas tropas, num processo que levou gerações, surgindo, a partir daí, as linhagens básicas do moderno Lusitano.

Quarto de Milha

A raça Quarto de Milha foi a primeira a ser desenvolvida na América. Ela surgiu nos Estados Unidos por volta do ano de 1600. Os primeiros animais que a originaram foram trazidos da Arábia.

Tudo começou em 1955, quando a Swift-King Ranch (SKR) importou seis animais dos Estados Unidos para o Brasil, vindos de sua matriz norte-americana, a famosa King Ranch, no Texas, a maior fazenda dos EUA. À medida que vários pecuaristas, banqueiros e homens de negócios tiveram a oportunidade de conhecer os animais Quarto de Milha, começaram a pressionar a SKR para que lhes vendessem alguns exemplares. A companhia atendeu a poucos criadores, vendendo um número reduzido de potros. Em 15 de agosto de 1969, foi fundada a Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Quarto de Milha (ABQM), no Parque da Água Branca, em São Paulo, onde se encontra atualmente.

O Quarto de Milha tem extrema docilidade, conseguindo partidas rápidas, paradas bruscas, grande capacidade de mudar de direção e enorme habilidade de girar sobre si mesmo.

É adaptável a qualquer situação, transformando-se em instrumento de força, transporte e difícil de ser derrotado em provas equestres, além de melhorador de plantel. Considerado o cavalo mais versátil do mundo, é usado nas modalidades de Conformação, Trabalho e Corrida.

Desde sua origem, a raça Quarto de Milha tornou-se ao longo dos anos um ponto de referência mundial entre todas as espécies equinas, fruto de suas inúmeras qualidades genéticas, como a marcante estrutura morfológica, velocidade, docilidade e, principalmente, por sua versatilidade em executar funções atléticas nas mais variadas modalidades. No Brasil, alguns exemplares fizeram e ainda fazem parte da história, tornando-se ícones na reprodução e que mereceram ser homenageados pela ABQM no Hall da Fama.

Paint Horse

A origem do Paint Horse é obrigatoriamente passar pela história do Quarto de Milha. O Paint é derivado do Quarto de Milha, que também tem origem norte americana. Ele é o resultado do cruzamento do Puro Sangue Inglês com o chamado Mustang Americano, que era o cavalo selvagem dos Estados Unidos. A colonização feita pela Inglaterra levou para o país os cavalos ingleses.

Na Europa, as grandes pinturas dos séculos 16, 17 e 18 mostram os cavalos Paint. Esses animais coloridos eram muito conhecidos e desempenhavam suas funções em situações de guerra bem como aquelas de paz também, no desenvolvimento da civilização ocidental. Os cavaleiros espanhóis neste período, aprenderam suas habilidades dos invasores mouros e tornaram-se excelentes cavaleiros.

Os cavalos domesticados chegaram ao continente americano com os conquistadores espanhóis. Cortez trouxe 16 cavalos Ibéricos

para Vera Cruz, no México em 1519. Estes cavalos treinados para a guerra foram indispensáveis para a conquista do México. Os documentos da época indicam que pelo menos um deles era Paint.

Demorou muito tempo, mas no início da década de 60, os norte-americanos notaram que tinham em mãos um cavalo extremamente versátil, dócil e com a vantagem da pelagem. Ou seja, em outras palavras, um quarto - de - milha exótico. Em 1962, foi fundada a American Paint Horse Association.

País de origem: Estados Unidos

Ainda hoje a Raça Paint Horse é uma das mais novas do mundo e, mesmo nos Estados Unidos é considerada como caçula entre as coirmãs. Lá, a Raça já ocupa uma das primeiras colocações no ranking de comercialização e a terceira em número de cavalos. O motivo é um só: reúne a beleza de ser um cavalo de pelos exóticos com a versatilidade necessária para o trabalho, lazer ou esporte.

Na América do Norte, existem hoje cerca de 500 mil animais registrados na American Paint Horse Association, e aproximadamente 60 mil criadores, e 50 mil em outros, inclusive o Brasil.

Percheron

A exata origem da raça Percheron está perdida através dos tempos. Alguns acreditam que eles são descendentes dos primitivos cavalos encontrados na região durante a idade do gelo, outros dizem que eles estão intimamente relacionados ao cavalo Boulonnais, os quais foram usados na invasão da Bretanha pelos Romanos, outros ainda acreditam que a raça é oriunda do garanhão Árabe Abd el Rahman's, ou parte dos cavalos usados pelos Mouros na batalha dos Poitiers os quais foram divididos entre as forças Francesas vitoriosas. Independentemente destes antigos conceitos quanto a sua origem, é conhecido que durante duas épocas da história as éguas nativas da região de Le Perche na França foram acasaladas com garanhões Árabes, primeiro durante o século VIII e depois durante a Idade Média.

No tempo das cruzadas o Percheron era reconhecido amplamente como um cavalo superior devido à sua calma e sensatez, bem como por sua característica beleza e estilo.

Por volta do século XVII, os cavalos produzidos em Le Perche haviam atraído ampla notoriedade e tinham demanda para diversos usos. O Percheron desta época era menor e era provavelmente mais ativo. No século XIX o governo da França estabeleceu um haras em Le Pin para o desenvolvimento de cavalos para servir de montaria para o exército. Em 1823, um cavalo chamado Jean Le Blanc nasceu em Le Perche e todas as linhas de sangue da raça Percheron de hoje são traçadas diretamente a este cavalo.

O Percheron foi exportado para a América na metade final do século XIX, e as importações continuaram até a II Guerra Mundial. O Percheron rapidamente se tornou a favorita dos fazendeiros americanos, tornando-se tão popular nos Estados Unidos que em 1930, um censo do governo americano mostrou que a raça tinha três vezes mais registros do que outras quatro raças de cavalos de tração juntas. Após a II Guerra Mundial, o invento de modernos tratores quase levou a raça a extinção, a raça quase caiu totalmente no esquecimento. Entretanto, alguns fazendeiros, incluindo muitos Amish, dedicaram-se a preservação da raça. Por volta da década de 60, houve um renascimento dos cavalos de tração nos Estados Unidos, com os americanos redescobrimo a utilidade dos cavalos de tração. Os Percherons estão hoje retornando para as pequenas fazendas e trabalhando nas florestas. Centenas de Percherons são usados para recreação e em desfiles, é comum se ver muitos Percherons nas ruas das grandes cidades americanas puxando carruagens.

A raça de equinos Percheron apresenta uma boa conformação para tração. Em geral, são cavalos compactos, de comprimento médio a grande e ter boa musculatura. Constituição robusta, ossatura forte, de tendões e articulações bem delineadas, musculatura poderosa, pele e pelos lisos.

Tratável e dócil, mas, ao mesmo tempo, ativo e vigoroso. São animais extremamente versáteis, usados para tração de implementos agrícolas, carroças e, antigamente, em tempos de guerras

tracionavam a artilharia pesada dos exércitos. O Percheron é usado para transporte e para obtenção de carne em algumas ocasiões.

Hoje em dia, com o advento da mecanização agrícola, a raça Percheron é usada para esporte em competições de carruagens, paradas de circo, desfiles comemorativos e, por sua docilidade está sendo cruzado com raças leves para fornecer animais de salto e polo.

O desenvolvimento deve ser bom, de acordo com a idade. A altura média do animal adulto é de 1,66m., sendo que a mínima permitida é de 1,58 m. e a máxima é de 1,72 m., tanto para machos como para fêmeas. O peso médio é de 900 Kg.

Boa conformação para tração. Em geral, o cavalo Percheron precisa ser compacto, de comprimento médio a grande e ter boa musculatura.

O desenvolvimento deve ser bom, de acordo com a idade. A altura média do animal adulto é de 1,66 m., sendo que a mínima permitida é de 1,58 m. e a máxima é de 1,72 m., tanto para machos como para fêmeas. O peso médio é de 900 Kg.

O cavalo Percheron necessita ser de constituição robusta, ossatura forte, de tendões e articulações bem delineadas, musculatura poderosa, pele e pelos lisos.

Tratável e dócil, mas, ao mesmo tempo, ativo e vigoroso.

As pelagens são pretas e tordilhas.

Pantaneiro

O cavalo Pantaneiro tem origem em cavalos oriundos de expedições de exploração do interior do Brasil, que se organizaram desde o século XVI, levando cavalos de nativos da Península Ibérica além do Crioulo. Também recebem outras denominações, conforme a região do Mato Grosso onde vivem, em que são chamados de Mimoseano (oriundos dos campos de capim-mimoso, no município Barão de Melgaço), Poconeano (oriundos do município de Poconé).

Esses animais das expedições encontraram liberdade do Pantanal mato-grossense condições inóspitas de excesso de umidade, mas com pastagem em abundância para sua proliferação e seleção natural, alternância de clima seco para úmido, o que lhe confere características peculiares como alta resistência dos cascos à umidade e uma grande capacidade de capturar alimentos oriundos de pastagens submersas, condição comum na maior parte do Pantanal.

No final do século XIX e início do século XX, ocorreram infusões de sangue Árabe, Anglo-árabe e Puro-sangue Inglês para a formação do cavalo atual buscando elevar o porte e melhorar sua conformação. Essa mistura, porém, nem sempre deu certo, pois, ao mesmo tempo em elevava o porte do cavalo, piorava sua rusticidade, conseguida através de séculos de seleção natural.

Os primeiros criadores foram os índios cavaleiros Guaicurus que chegaram a ter mais de 20.000 animais domesticados em seu rebanho e foram os responsáveis pela sua proliferação por toda a região do Pantanal mato-grossense.

A Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Pantaneiro foi fundada em 1972, em Poconé (MT), e busca a preservação desta raça cuja seleção natural deve ser muito bem respeitada. Existem hoje 3.000 animais registrados na associação, que conta ainda com 120 criadores e 80 proprietários do cavalo Pantaneiro, espalhados pelos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além da Bolívia.

É um cavalo muito utilizado na lida diária com o gado e em provas de resistência, maneabilidade e velocidade, além de cavalgadas pelo Pantanal.

Manejo Reprodutivo

Existem técnicas de avaliação que tornam o rebanho de reprodutores mais produtivos. A simples existência de machos e fêmeas e a escolha de um método de reprodução (seja monta natural, Inseminação Artificial ou Transferência de Embrião) são apenas alguns dos muitos passos a serem observados na

implantação de um sistema de manejo reprodutivo eficiente no rebanho.

Monta Natural

No Brasil país situado no hemisfério Sul, a estação de monta tem geralmente seu início entre os meses de agosto e setembro. O período mais intenso de serviço dos garanhões vai dos meses de setembro a dezembro, é necessário um manejo correto dos reprodutores para o máximo proveito de sua fertilidade.

O estabelecimento de uma estação de monta (definida como único período do ano em que as fêmeas do rebanho deverão ser cobertas) tende a respeitar este período de nascimentos, buscando concentrar todos os nascimentos nesta época, facilitando o manejo durante a parição. Assim um maior controle zootécnico sobre o rebanho de cria, pela uniformidade do lote de potros nascidos.

Controle de Cobertura



Antes de tudo, é necessária a identificação do momento correto para a cobertura de cada égua, isto pode ser determinado pelo controle folicular. Se isso não for possível, é preciso saber que o período fértil da égua ocorre nas 24/48 horas finais do cio.

O cio da égua costuma durar cinco dias, os espermatozoides tem uma vida útil no trato genital feminino por 48 horas em média.

Identificada a égua a ser coberta, ela será conduzida ao local de cobertura e serão tomadas as precauções de segurança, utilizando cachimbo para conter se for necessário, uso de uma liga

ou atadura na cauda da égua, evitando que os pelos da cauda machuquem o pênis do garanhão, bem como a limpeza do períneo com toalha de papel. Também pode ser usado maneiras para a contenção das éguas.

O encarregado de conduzir o garanhão procederá com a máxima calma e segurança, evitando que o cavalo suba na égua antes do momento correto e auxiliando-o se necessário.

Outra particularidade dos cavalos é o ato de bocejar e realizar movimentos de mastigação sem estarem com qualquer alimento na boca. Tal comportamento indica relaxamento e confiança na pessoa que lida com eles.

Número de Coberturas

Idealmente, para assegurar fertilidade máxima, um cavalo deveria cobrir a égua a cada dois dias; este número pode ser aumentado para uma cobertura diária após o condicionamento progressivo e reforço alimentar correspondente. Se por alguma razão, tal como a maturação folicular for necessária que um garanhão cubra uma égua de manhã e outra à tarde, é indicado que ele não seja utilizado no dia seguinte.

Num haras que opere com auxílio de médico veterinário para que o controle folicular, determinando o momento ideal de cobertura de cada égua, assim possível cobrir de 50 a 60 éguas.

A porção de ejaculado as vezes expulsa pela égua após o salto é a fração gel, com concentração muito baixa de espermatozoides, que é desprezada nos procedimentos de inseminação artificial.

Tipos de cobertura

Considerando a condição de cobertura dirigida, tal qual é utilizada na maioria dos criatórios.

- Cobertura a piquete: consiste em soltar os animais dentro de um piquete e separando-os depois que a cobertura for efetuada. Sempre introduza o garanhão depois da égua, nunca ao contrário.

- Cobertura a campo: Restrita ao regime de criação extensiva. O garanhão é solto junto à manada de éguas e removido após algum tempo.



Inseminação Artificial

Entende-se por inseminação artificial o depósito mecânico de sêmen no aparelho reprodutivo da fêmea. Atualmente a inseminação já é uma técnica extremamente difundida, sendo utilizada praticamente em todas as criações animais. Em relação à monta natural a inseminação artificial oferece uma série de vantagens:

- Melhoramento genético do plantel;
- Controle de doenças venéreas e sexualmente transmissíveis;
- Controle de riscos de acidentes que podem ocorrer na monta natural;
- Aumento de número de descendentes de um animal;
- Utilização do material genético de um animal impossibilitado para a cobertura;
- Nascimento de descendentes, mesmo após o falecimento do garanhão.

Independente da técnica utilizada para a inseminação os problemas mais frequentes serão sempre os mesmos, falta de

higiene, mal armazenamento do sêmen, deposição errada da palheta no momento de inseminar e falha de detecção do cio.

Transferência de Embrião

A transferência de embrião trata-se do princípio da multiplicação, de forma acelerada, da progênie, de fêmeas (doadoras) consideradas superiores, dentro de cada criatório. Atualmente é a técnica mais acessível e de melhor aproveitamento de uma doadora, multiplicando seu material genético.

As doadoras são submetidas a tratamentos com hormônios, que atuarão sobre os ovários causando múltiplas ovulações. Esses óvulos, se fertilizados após as inseminações serão coletados e avaliados uma semana após.

Os embriões considerados viáveis, poderão ser transferidos para outras fêmeas chamadas de receptoras (transferência a fresco) ou congelados para posterior aproveitamento.

Manejo Reprodutivo

Normalmente, os machos são considerados aptos à vida reprodutiva aos 3 anos de idade. Caso o exame andrológico confirme a fertilidade do animal e ele apresente a libido necessária, pode iniciar tal atividade com dois anos e meio ou até mesmo com dois anos.

Entretanto, o proprietário deve ter em mente que animais iniciados muito novos costumam mudar seu comportamento rotineiro e podem apresentar certa tendência a diminuição da ingestão de alimentos, inquietação e agressividade.

Os animais em fase de iniciação reprodutiva precisam ser corretamente treinados para tal atividade, evitando-se problemas futuros.

A escolha da égua é de fundamental importância e deve estar embasada tanto no padrão racial, para promover um melhoramento genético, quanto na sua índole, ou seja, dócil, tranquila e paciente.

Com o atrativo natural da visualização e dos odores característicos do cio, o macho automaticamente se interessa pela

fêmea. Sendo ela uma facilitadora da aproximação e do contato físico, o animal não fica desconfiado ou com receio e pode exercer sua atividade natural de rufiação, característica da espécie e parte fundamental do cortejo e da interação entre eles.

Observe as éguas paridas com potro ao pé, pois elas não demonstram cio facilmente no intuito de proteger a cria. As pessoas responsáveis pela atividade devem ser pacientes e precisam entender que cada reprodutor apresenta um hábito diferenciado, que deve ser respeitado.

Erros no treinamento do animal à monta podem ocasionar agressividade, perda de interesse, demora excessiva na exteriorização do pênis ou seu enrijecimento

O garanhão apresenta a capacidade de desempenhar a função de reprodutor o ano todo. Todavia, essa função é exercida com mais intensidade na primavera-verão, por ser a época em que as éguas entram em cio com maior frequência, dando origem aos conhecidos termos “temporada de monta” e “estação de monta”.

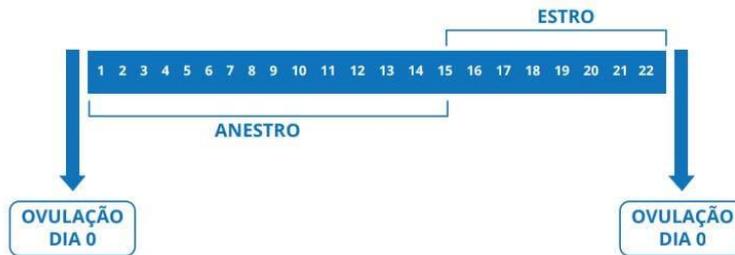
A escolha do macho como reprodutor deve ser criteriosa e levar em consideração fatores como morfologia, ausência de defeitos transmissíveis, desempenho da aptidão, índole, descendência, libido, fertilidade, transmissibilidade, entre outros.

As fêmeas podem apresentar sinais de cio até antes dos 24 meses de idade, mas o início da vida reprodutiva é indicado entre os 30 e 36 meses, conduta que costuma favorecer tanto seu desempenho reprodutivo quanto a qualidade de suas crias.

As éguas devem ser treinadas para a atividade tanto quanto os machos. Na fase inicial da atividade reprodutiva, a rufiação deve ser realizada sempre por um animal experiente, tranquilo e que não assuste a reprodutora

As éguas são poliéstricas sazonais, ou seja, apresentam mais de um cio, durante um determinado período do ano (sazonal), que coincide com a época de maior luminosidade por dia e com as maiores temperaturas, ou seja, os meses de primavera e verão. O período de ausência de cio é conhecido como anestro. Como a ovulação costuma ocorrer entre 48 e 24 horas antes do final do cio,

denomina-se ciclo estral o período compreendido entre uma ovulação e outra, englobando o anestro e o estro, com duração variando entre 18 e 25 dias e, com média de 21 dias.



A égua pode demonstrar os seguintes sinais:

- Movimentação constante da cauda;
- Ligeiro afastamento dos membros posteriores;
- Micção (urina) frequente;
- Ligeiro edema (inchaço) de vulva; • Contração repetida da vulva com exposição clitoriana;
- Mudança nos hábitos alimentares; e
- Mudança no comportamento.

Pré Parto

Com a proximidade do final da gestação, as éguas costumam ficar mais lentas, demoram mais para comer e ingerem mais água.

Dos 60 aos 20 dias que antecedem o parto, não se recomenda alterações bruscas no ambiente da égua para que ela não sofra picos de estresse. Cerca de 20 dias antes da data prevista para o parto, a égua deve ser transferida para o piquete maternidade.

Normalmente, nessa fase, o abdômen já começa a ficar mais caído, as glândulas mamárias ficam repletas de leite e os tetos costumam formar uma pequena deposição de colostro endurecido, conhecida por “cola”. A maior parte das éguas costuma parir à noite e, normalmente, diminuir a ingestão de alimento no dia do parto.

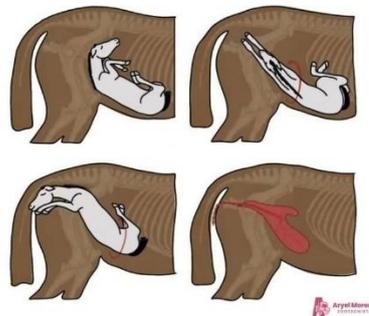
No momento bem próximo ao nascimento do potro, as éguas costumam apresentar certa inquietação, balançam incessantemente a cauda, olham repetidamente para o flanco e às vezes até o mordiscam. A vulva apresenta um inchaço característico, o colostro, em muitos casos, começa a pingar e ocorre o afrouxamento dos músculos e ligamentos da garupa.

Parto

Embora algumas éguas possam parir em pé, a grande maioria se deita. As éguas são muito independentes no momento do parto e não gostam de ser importunadas. Convém, portanto, acompanhar a distância e interferir somente quando houver necessidade, principalmente no caso de éguas primíparas (primeira cria).

Diferentemente da vaca, a égua não costuma apresentar uma alta ocorrência de partos distócicos (mal posicionamento fetal, feto desproporcional ao tamanho da mãe, morte fetal, entre outros) e, caso aconteça, deve-se chamar o médico veterinário imediatamente, evitando riscos ao potro e à égua.

PARTO NORMAL DE ÉGUA



Pós-parto

Os primeiros cuidados com o potro recém-nascido, logo após o parto, a égua costuma interagir muito bem com o potro, estimulando-o a levantar e ensinando-o, inclusive, a mamar. Caso o potro apresente dificuldade em aprender, deve-se auxiliá-lo gentilmente a encontrar o teto materno.

O cordão umbilical do potro deve ser higienizado, logo após o nascimento, com iodo 2 a 3%. Costuma-se colocar a solução de iodo em um recipiente apropriado para essa higienização. Tal

procedimento deve prosseguir, duas vezes ao dia, até que o cordão umbilical seque e caia.

Após a queda, recomenda-se a continuidade do tratamento, uma vez ao dia, durante três dias, para evitar a contaminação. Após a mamada do colostro, o potro deve eliminar o mecônio (primeiras fezes) para diminuir os riscos de cólica.

1. Caso o potro não elimine naturalmente o mecônio, soluções lubrificantes retais (enemas) humanas podem ser utilizadas.

2. Consulte o médico veterinário para a formação de um banco de colostro na propriedade, visando suprir uma eventual necessidade.

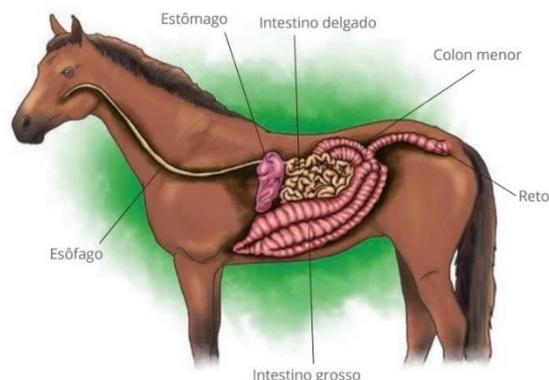
3. Consulte o médico veterinário para instruções acerca das principais ocorrências médicas em potros recém-nascidos e que podem levar a óbito, quando não socorridas a tempo.

Cio do potro

Característico da espécie equina, o cio do potro se caracteriza por um rápido retorno da égua ao cio, em torno de aproximadamente 7 dias após o parto (valor esse que pode variar normalmente entre 5 e 10 dias).

Nutrição Equina

Aparelho digestivo dos equinos



Os equinos apresentam singularidades importantes em relação ao seu sistema digestivo e o conhecimento básico é fundamental para o manejo alimentar da espécie.

O estômago dos equinos é pequeno em comparação a outras partes do aparelho digestivo. Sua capacidade de ingestão é bastante regulada, forçando o animal a se alimentar em pequenas porções, por muito tempo, ao longo do dia.

Por exemplo, um equino de 500 kg tem a capacidade de armazenar cerca de 130 litros de alimento ao longo de todo o seu aparelho digestivo.

O estômago se limita a apenas 12 litros dessa capacidade. Por esse motivo, um equino solto a pasto se alimenta por um período de 13 a 18 horas por dia.

Os equinos são animais monogástricos (possuem um compartimento no estômago), diferente dos bovinos, que são ruminantes (possuem vários compartimentos no estômago).

Não possuem a capacidade de vomitar. Por esse motivo, não se deve oferecer alimento em quantidade exagerada, deteriorado ou fermentado, na tentativa de minimizar o aparecimento de cólicas ou outros distúrbios intestinais.

Não conseguem eructar (arrotar). Por esse motivo, todo o cuidado deve ser tomado no intuito de não oferecer alimentos que favoreçam a formação de gases.

Seu estômago ainda pode sofrer ruptura se estiver muito cheio de sólidos (alimento), líquidos ou gases. Atenção Colon menor Reto Intestino grosso Esôfago Estômago Intestino delgado

Manejo e Alimentação

Os alimentos são substâncias digeríveis que servem para nutrir e alimentar, manter e sustentar o organismo animal. São compostos basicamente por água e matéria seca.

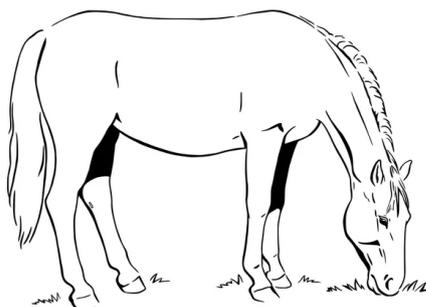
Água: em condições normais, o equino bebe de 38 a 46 litros de água por dia, podendo aumentar de acordo com o trabalho, a temperatura ambiente, a condição fisiológica ou mesmo a categoria

animal. Como os equinos trocam calor pela pele, a perda excessiva de água (sudorese) pode desencadear um quadro de desidratação, evidenciando a necessidade de maior disponibilidade de água para eles.

- Uma égua em lactação bebe até 70% a mais de água por dia;
- Um animal em trabalho moderado pode ingerir entre 60 e 80% a mais de água, enquanto um animal em trabalho pesado pode elevar sua necessidade para até 120% a mais do que seria ingerido em repouso.

1. Deixe sempre água limpa e fresca à disposição do animal.
2. Ofereça água nos intervalos de trabalho.
3. Evite oferecer água barrenta, pois pode ocasionar distúrbios digestivos.
4. Jamais ofereça água gelada, devido aos riscos de ocasionar cólicas.

Matéria seca: a matéria seca é a parte do alimento onde se encontram os nutrientes como: proteínas, carboidratos, gorduras, minerais e vitaminas.



Os alimentos volumosos contêm fibras em sua composição, que proporcionam bem-estar aos animais. Esses alimentos, associados ao fornecimento de quantidades adequadas de nutrientes, permitem aos equinos desempenharem bem as funções a que se destinam.

As necessidades dos animais devem ser avaliadas com a ajuda de técnico especializado em nutrição animal, que irá propor uma

alimentação balanceada de acordo com suas necessidades, considerando:

- Raça: as diferentes raças apresentam conversão alimentar desigual, isto é, umas necessitam de menos alimento para suprir suas necessidades do que outras. 66
- Idade: potros absorvem melhor os nutrientes do que equídeos idosos.
- Peso: o peso ideal varia de raça para raça, de acordo com idade, estrutura do animal, categoria, status sanitário e atividade a que se destina. Algumas raças, como as de tração, apresentam indivíduos mais musculosos, fortes e pesados, enquanto outras apresentam animais mais leves.

O ideal é buscar conferir ao animal um peso saudável, condizente com seus parâmetros. Para aferição do peso, pode-se utilizar a fita barimétrica ou fita de pesagem equina.

O animal pode ser pesado de acordo com o cronograma estabelecido pelo criador:

- » Não ultrapasse os 30 dias para potros em crescimento;
 - » Não ultrapasse os 60 dias para acompanhamento do ganho de peso em animais adultos.
- Esforço: a alimentação do animal em doma, treinamento ou atividade física requer uma especial atenção e deve estar pautada no esforço ao qual o animal está sendo submetido e ao tempo gasto com sua execução.

A dieta dos equinos deve ser organizada fazendo o uso de dois tipos de alimento, como o volumoso e o concentrado, que apresentam características e objetivos diferentes.

Os alimentos volumosos são fundamentais para os equinos, tanto pelo fato de serem herbívoros quanto pelo alto teor de fibras fornecido, melhorando a digestibilidade e o trânsito alimentar ao

longo do trato gastrointestinal (estômago, intestino delgado e grosso).

Entende-se por volumoso ou forrageira diferentes tipos e variedades de matéria verde, que podem ser ofertados aos animais de diversas formas:

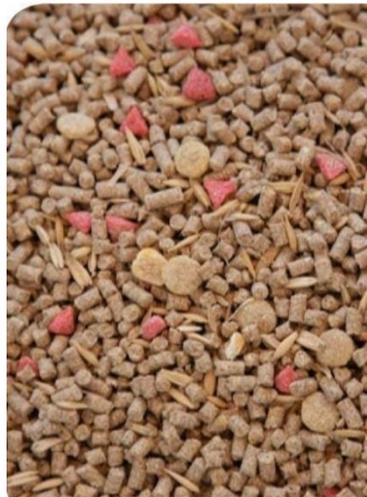
1. Pasto: denominada forragem verde ou in natura, livremente pastejada pelo animal. Capineira: local de produção de forragens para corte e posterior picagem e fornecimento ao animal. Capim elefante 69 Equideocultura: manejo e alimentação
2. Feno: forrageira desidratada, com umidade em torno de 15 a 20%, que pode ser armazenada durante alguns meses, visando ao fornecimento aos animais quando necessário, principalmente no período da seca. O feno pode ser feito a partir de pasto nativo ou de plantas forrageiras cultivadas, indicadas para o processo de fenação, como por exemplo as gramíneas de variedades Coast-Cross e Tifton 85, entre outras, além de leguminosas como a alfafa.



Alimento concentrado é uma substância com teor de fibras menor do que o do volumoso, porém com maior teor de energia devido à constituição dos grãos utilizados em sua elaboração. Caracteristicamente, os alimentos concentrados apresentam menos de 18% de fibra bruta e mais de 60% de nutrientes digestivos totais, sendo divididos em proteicos e energéticos.

Ao fornecer alimentos concentrados aos equinos, deve-se observar que:

- A necessidade do animal em relação ao concentrado varia de 0,5 a 1,5 de seu peso vivo (PV), dependendo do seu estágio fisiológico, do tipo de trabalho e da intensidade com que o exerce, da idade, do estado de saúde, entre outros fatores;
- A quantidade de alimento deve ser dividida em várias refeições ao longo do dia, não devendo passar de 2 kg cada uma;
- O fornecimento de concentrado deve ser alternado com o de volumosos; e
- O concentrado não deve ficar no cocho por longos períodos. A alimentação do equino depende do tipo de atividade por ele exercida.



Os minerais são elementos inorgânicos fundamentais para que o organismo exerça funções essenciais. Sua necessidade varia em função da idade, do sexo, do ciclo reprodutivo e do estado fisiológico dos animais. Os equinos necessitam de macrominerais (cálcio, fósforo, sódio, cloro, potássio, enxofre e magnésio, entre outros), exigidos em maiores quantidades, e de microminerais (iodo, ferro, cobalto, cobre, manganês, selênio, zinco, entre outros), em menores quantidades.

A composição da dieta varia conforme o manejo alimentar da categoria animal (animais de trabalho, potros, éguas ou garanhões, por exemplo). O manejo alimentar é a forma correta de fornecer alimentos aos equinos, compreendendo o que eles podem comer, o quanto podem ingerir e os horários de fornecimento, estejam eles alojados em baias ou a pasto, sempre de acordo com sua categoria e/ou com suas necessidades individuais. Os equinos são muito predispostos a acidentes digestivos.

Assim, deve-se evitar:

- Sobrecarga alimentar, que ocasionalmente leva a problemas, tais como cólica;
- Mudança repentina na alimentação;
- Incorporação abrupta de qualquer suplementação para animais mantidos exclusivamente a pasto;
- Fornecimento somente de concentrados. Por serem herbívoros, eles necessitam também de alimentos volumosos (pastagem, capim picado ou feno); e
- Fornecimento de concentrado, sal mineral ou suplementos alimentares específicos para outras espécies.

Doma

Doma é o processo pelo qual o cavalo passa antes de aceitar ser montado pelo cavaleiro. Existe a doma de baixo, que consiste em aceitar a colocação do cabresto e respeitá-lo, permitir que se erga os membros e que se faça a higiene normal como rasquear e escovar o pelo.



Alguns englobam também nessa fase o período em que se ensina os comandos de rédeas sem montar no animal, com a técnica do charreteamento. A doma de cima é aquela que consiste em encilhar o animal e montá-lo, ensinando os comandos para direcionar o animal, realizar transições e controle da velocidade.

Após a doma, o animal receberá treinamento específico para a modalidade em que for competir, se for um animal de esporte.

Existem muitas técnicas diferentes para se domar os cavalos, algumas bem recentes e outras que fazem parte da cultura local, passadas de pai para filho, como a doma gaúcha, também chamada de tradicional.

Na doma gaúcha, o cavalo chucro é encilhado sem nunca antes ter tido contato com o material de montaria e normalmente muito pouco contato com pessoas. O ginete monta o animal, que corcoveia e tenta derrubar o cavaleiro.

É comum usar esporas e chicotes para instigar o animal e assim cansá-lo mais rápido. Quando o animal fica exausto e para de pular, se ensina os comandos de direção e de velocidade.

Outros tipos de doma tradicional englobam atividades como laçar o cavalo, derrubá-lo, uso de peia por uso prolongado e uso de punição ao invés de recompensa. Normalmente ainda se utilizam muitos elementos da doma tradicional ao se domarem cavalos no Brasil, mesmo quando se usa a chamada de "racional".

Doma Racional

Nesse modelo se prega o respeito ao cavalo, com o uso de recompensas ao invés de punições durante a doma.

"Join up"-Monty Roberts: O americano Monty Roberts divulgou uma forma de domar cavalos que envolve o uso de um redondel.

O cavalo é mantido à distância e correndo até que apresente sinais de submissão (como baixar a cabeça e mastigação) e aceite a aproximação do homem. Se o cavalo tentar se esquivar à aproximação humana ou ao uso dos materiais de montaria, é

novamente mantido em movimento, até que não mostre reações negativas.

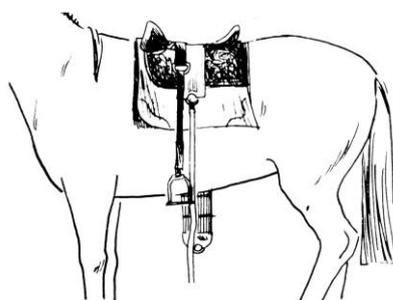
Nesse caso, o animal é recompensado com carinho e descanso. Com essa técnica, em menos de uma hora é possível montar a maioria dos cavalos.

Doma passo a passo:

O ideal é acostumar o potro a andar com o cabresto desde os primeiros meses. No início, o melhor é usar uma guia grande presa ao cabresto e passar atrás da garupa do potro, e fazê-lo seguir a mãe por distâncias muito curtas. Depois que ele estiver acostumado a andar para a frente, faça ele parar por alguns momentos, enquanto a mãe também está parada, alguns metros à frente.

Arreios ou Encilhas

Encilhar é mais do que apenas colocar arreios no animal; é um ritual que conecta o cavaleiro ao seu pingou, garantindo segurança e conforto para ambos.

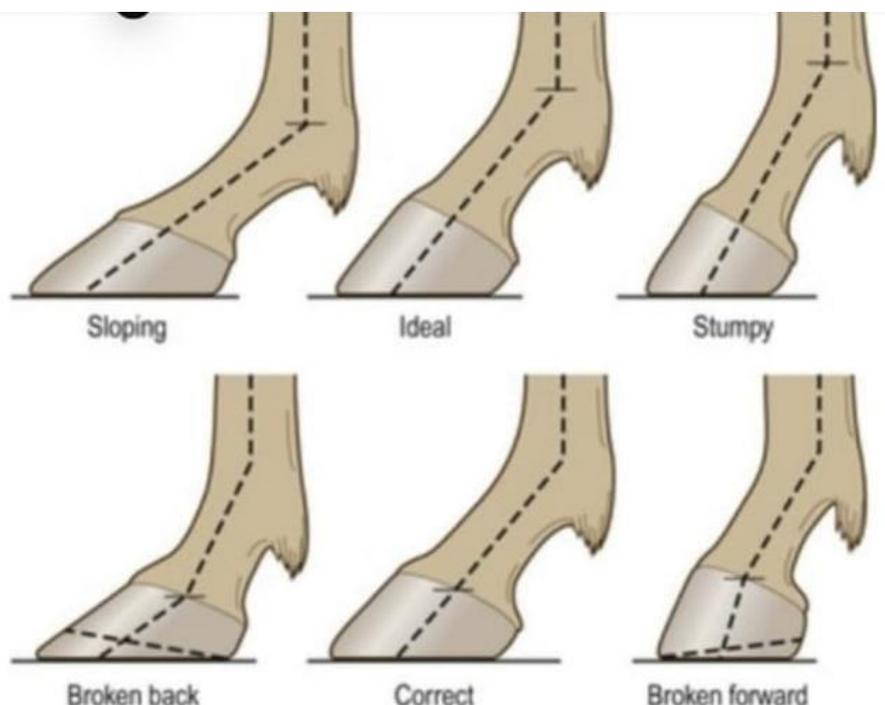


A encilha é composta por diversas peças, cada uma com sua função essencial, desde o buçal, que prende e amarra o cavalo, até o pelego, que amacia o assento. O xergão, carona, basto, cincha e sobrecincha formam a base da encilha, enquanto peças opcionais como a peiteira e o rabicho oferecem estabilidade adicional em terrenos acidentados. E claro, o laço e o freio, fundamentais para a lida e controle do animal, completam essa tradição.

Cada detalhe é pensado para proteger e honrar a relação entre o gaúcho e seu companheiro de jornada.

Casqueamento e Ferrageamento

A correção de aprumos significa mudança permanente de conformação e não pode ser feita em cavalos maduros. Assim podendo causar manqueiras imediatas ou defeitos irreversíveis.



Alguns problemas de conformação podem ser corrigidos em potros e os que nascem com aprumos corretos podem ser mantidos assim. Potros que possuem bons aprumos podem tronar se tortos por negligência ou casqueamento impróprio.

A anatomia dos cascos

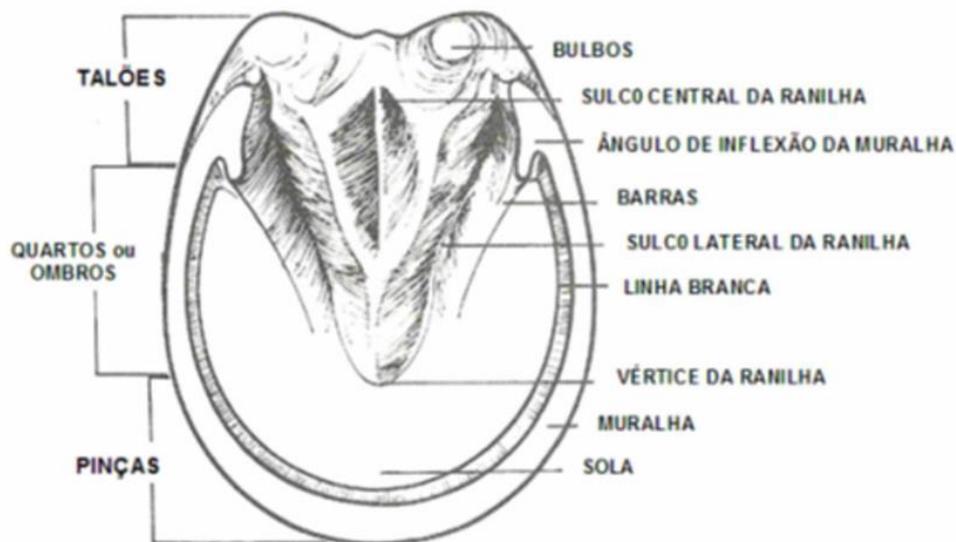
O casco é o material córneo que protege a extremidade dos membros com a finalidade de sustentação e equilíbrio. O casco é constituído por várias estruturas com denominações e funções distintas, a serem avaliadas a partir da verificação da sua integridade e funcionalidade, denominados:

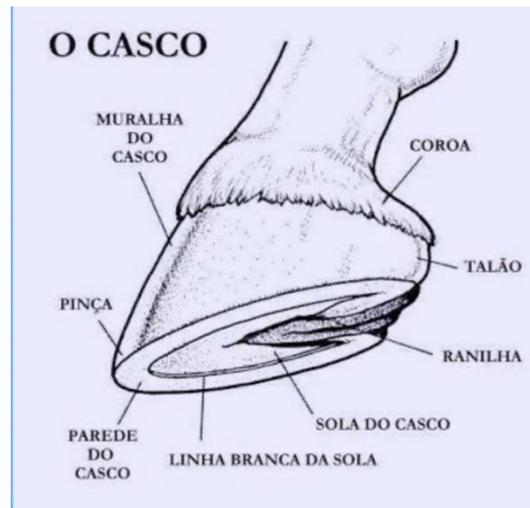
- Coroa do casco Situada na parte superior do material córneo, formando uma linha transversal ao membro. É a região de crescimento da muralha.
- Muralha Porção queratinizada, mais resistente e visível do casco, quando apoiado no solo. Pode ser pigmentada

de cor preta, sem pigmentação, branca ou rajada (parcialmente pigmentada).

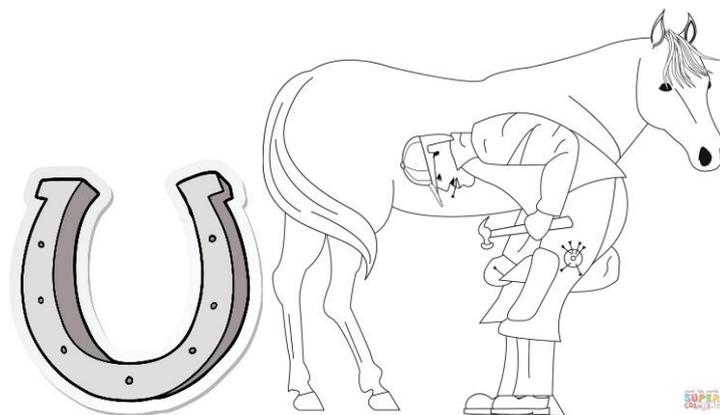
- Barras Agem como um suporte de sustentação evitando o fechamento dos talões.
- Sola Maior parte ocupante da face plantar do casco. Sua função é a proteção da falange distal. Naturalmente côncava, a sola não permanece em contato com o solo.
- Ranilha Em forma de cunha, localiza-se na metade posterior do casco, entre as barras. É de consistência mais macia e elástica do que a sola e a muralha.

Os cascos dos membros posteriores diferem somente pela sua forma mais oval, quando comparados aos cascos dos membros anteriores, que são mais arredondados.





A técnica de ferrageamento ou ferragem consiste em aplicar uma lâmina de ferro, alumínio, plástico ou borracha presa por meio de cravos na parte inferior dos cascos dos equídeos para proteger, curar ou prevenir problemas nos seus pés. Para fazer um bom trabalho de ferrageamento, é fundamental obter conhecimentos técnicos de anatomia, sistema de locomoção, peso, idade, raça e das atividades exercidas pelos animais. O ferrageamento é realizado após o término do casqueamento.



Todos os animais de trabalho, ou aqueles que desempenham algumas atividades em que são muito exigidos, deverão ter seus cascos protegidos pela ferradura.

A ferradura auxilia no tratamento de muitas doenças, como a laminite que, se não tratada precocemente, pode inutilizar o animal. As atividades realizadas pelos animais causam desgaste nos cascos, devido ao atrito e choque com o solo.

Principais Doenças dos Equinos

Anemia Infecciosa Equina (AIE)

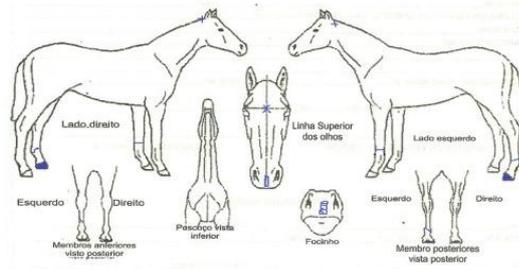
A anemia infecciosa equina (AIE) é uma doença causada por vírus, que não tem cura e que pode acometer os equídeos (cavalos, éguas, mulas, burros, jumentos, pôneis) de qualquer raça, sexo ou idade.

Uma das principais formas de transmissão é por picada de mutucas e moscas que se alimentam de sangue. Também pode ocorrer pelo uso da mesma agulha, arreio, freio ou espora em animais diferentes.

A maioria dos animais infectados não apresenta sintomas da doença. Entretanto, entre os sintomas observados, estão: fraqueza, febre, perda de peso, mucosas amareladas, edemas subcutâneos, anemia.

A Prevenção

- Realizar exames, no mínimo, a cada 6 meses de todos os equídeos da propriedade;
- Sacrifício dos animais com resultado positivo para AIE realizado pelo serviço veterinário oficial;
- Usar agulhas descartáveis para aplicação de medicamentos e colheita de sangue e esterilizar os materiais reutilizáveis;
- Sempre exigir a Guia de Trânsito Animal (GTA) e o atestado negativo de AIE para entrada e saída de animais na propriedade;
- A participação em leilões, feiras, exposições, rodeios, vaquejadas e demais concentrações de equídeos somente é permitida mediante a apresentação do atestado negativo do exame de AIE e da Guia de Trânsito Animal (GTA).



Mormo

O mormo, popularmente conhecido como lamparão ou farcinose, é uma doença fatal e contagiosa que atinge os equídeos (cavalos, mulas, burros e jumentos), causada por bactéria. Pode apresentar-se na forma nasal, respiratória ou cutânea. Nos cavalos, a doença pode aparecer de forma crônica e sem sintomas aparentes.

O mormo é considerado uma zoonose, ou seja, pode ser transmitido ao ser humano.

Os equídeos doentes podem apresentar febre, tosse, corrimento nasal, feridas nas narinas, pneumonia, inchaço nos membros, caroços ou feridas na pele dos membros, da cabeça, do pescoço e do costado, fraqueza, prostração e emagrecimento progressivo.

A transmissão acontece pelo contato entre animais, ingestão de água e alimentos contaminados, inalação ou contato com materiais contaminados, como freio, bebedouro, comedouro, entre outros.

Devemos ter os seguintes cuidados:

- Compre somente animais com exames negativos para mormo.
- Realize a quarentena de animais recém-introduzidos na propriedade, ou seja, mantenha-os isolados do restante da tropa.
- Faça, periodicamente, exame dos animais.
- Informe ao Idaf caso algum animal apresente sintomas compatíveis com o mormo.
- Desinfete instalações e utensílios com hipoclorito de sódio (água sanitária) ou outro produto indicado pelo Idaf.

- Só participe de vaquejadas, cavalgadas, exposições ou outras aglomerações de equídeos se o evento for fiscalizado.

Segundo a legislação que trata da doença (Instrução Normativa do Ministério da Agricultura nº 6, de 16/01/2018, Lei Estadual nº 5.736 e Decreto-N nº 4.495), no caso de confirmação de mormo, os animais contaminados devem ser sacrificados, uma vez que a doença não tem cura e essa é a única forma de controle.

Caso você tenha contato direto com animais doentes e apresente sintomas de mormo, que são semelhantes aos da gripe (febre, dores musculares e dor de cabeça), procure imediatamente um médico e informe sobre sua suspeita.

Garrotilho

A Adenite Equina, mais conhecida como Garrotilho, é uma doença infectocontagiosa causada pela bactéria *Streptococcus equi* que acomete o trato respiratório de equinos de todas as idades, sendo mais comum nos animais de até 5 anos.

Cerca de 2 semanas após o contato com o agente, as manifestações clínicas se iniciam, incluindo a ruptura destes abscessos que liberam no ambiente a secreção purulenta contaminada pela bactéria, facilitando a contaminação de outros animais.

O controle da doença é baseado no isolamento dos animais acometidos por pelo menos quatro semanas, submetendo-os ao tratamento adequado de acordo com o quadro (antibiótico, anti-inflamatórios, expectorantes e fluidoterapia), e intensificação da limpeza e desinfecção de baias, piquetes, cochos e materiais de uso comum.

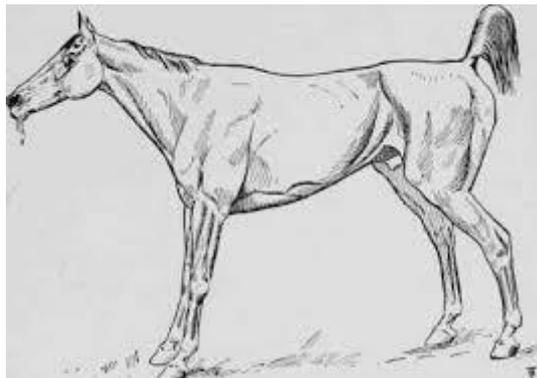
A prevenção da Adenite Equina é essencial para reduzir os prejuízos e os riscos relacionados à doença, e, tendo em mente a sua alta morbidade e a dificuldade no controle de surtos, a vacinação contra o agente é altamente recomendada.

Os animais sadios não vacinados devem receber 3 doses no intervalo de 2 a 4 semanas, e o reforço é anual para todo o rebanho.

A profilaxia por meio da vacinação aumenta a sanidade do rebanho e reduz os custos a longo prazo com a mão de obra e tratamento. Sempre que possível, ela deve ser introduzida pelo médico veterinário no manejo sanitário da propriedade.

Tétano

Tétano é uma doença causada pela neurotoxina tetanoespasmina, produzida pela bactéria *Clostridium tetani* em sua forma esporulada. A bactéria é encontrada facilmente no ambiente e se instala em ferimentos perfurocortantes, que tenham condições anaeróbicas adequadas para a sua multiplicação e consequente produção da toxina.



O tétano pode atingir quase todas as espécies de animais, incluindo o homem, mas os equinos são os mais sensíveis à enfermidade, com a taxa de mortalidade chegando à 80% dos animais acometidos.

O período de incubação bacteriana pode variar de 3 dias a 3 semanas, dependendo da quantidade de neurotoxina produzida, sua toxigenicidade e a quantidade de toxina circulante. Os sinais e sintomas da doença iniciam, em geral, entre 7 e 15 dias após a contaminação.

A doença já desenvolvida tem características tão específicas que dificilmente é confundida com outra enfermidade. Equinos com

tétano costumam apresentar movimentos rígidos dos membros ao caminhar, dificuldade em respirar, com visível dilatação das narinas, dificuldade para apreender os alimentos, mastigas e engolir. A musculatura do pescoço também fica rígida e é comum o prolapso da terceira pálpebra.

Outro sintoma clássico é a hiperestesia, ou seja, extrema sensibilidade aos estímulos ambientais como luz e sons. As orelhas do animal tendem a permanecer eretas e imóveis, e a sua cauda distendida e elevada, como uma bandeira. Com a evolução do quadro o animal adota uma postura de cavalete, seguido pelo decúbito, e quase sempre vai à óbito.

O tratamento para a doença se baseia na aplicação do soro antitetânico, uso de relaxantes musculares, antibióticos, fluidoterapia para manter hidratação e nutrição.

O cuidado ambiental no tratamento com a redução de luminosidade na baia em que o animal permanecerá, tamponamento dos condutos auditivos do animal com algodão, redução máxima de ruídos, cama alta e profunda para evitar úlceras de decúbito também devem ser considerados. É um tratamento que demanda recursos e mão de obra.

A prevenção é a melhor forma, uma única dose anual após uma promovacinação correta com 2 doses, ajuda o organismo do animal a se proteger contra as toxinas tetânicas e suas consequências.

Tripanossomíase o “Mal das Cadeiras”

Tripanossomíase é uma infecção que afeta equinos, também conhecida como “Mal das cadeiras” ou “Surra”, é causada pelo protozoário *Trypanosoma evansi*.

Tem ampla distribuição, sendo encontrada na maioria das áreas tropicais e subtropicais do mundo. No Brasil é endêmica em várias regiões, principalmente no Pantanal, onde o seu principal vetor (mecânico) se encontra em abundância, os Tabanídeos, conhecidos popularmente como “Mutucas”.

Várias espécies de mamíferos podem ser acometidas pela espécie *T. evansi*, como as capivaras e os cães .

Há casos raros de infecção por essa espécie de parasita em humanos, em alguns países africanos.

Transmissão da Tripanossomíase:

Vetores: Tabanídeos (“Mutucas”)

Via Mecânica:

Picada de insetos hematófagos;

Agulhas contaminadas.

Sintomas:

Rápida perda de peso;

Anemia;

Febre intermitente;

Uveíte/opacidade de córnea;

Edema de membros posteriores;

Fraqueza progressiva;

Distúrbios locomotores;

Distúrbios neurológicos.

O diagnóstico é clínico, com base na anamnese, sinais clínicos, histórico e exames complementares.

Os exames: Teste do Microhematócrito, pesquisa direta e PCR (Reação em Cadeia da Polimerase).

O tratamento e controle da doença é realizado por meio do controle do parasita (formas tripomastigotas) no animal, pois o controle do vetor ainda não é uma realidade à campo. Os medicamentos utilizados nos animais acometidos são de suporte e combate ao protozoário.

Prevenção:

Controle da movimentação de animais;

Realizar exames periódicos nos equinos;

Não reutilizar agulhas.

Bambeira Equina

Bambeira equina é uma doença infecto-contagiosa, seu nome científico é *Mieloencefalomielite Protozoária Equina (EPM)* e atinge animais em vários lugares no mundo. Assim, são ocasionadas grandes perdas aos cavalos pois ocorre a deterioração do sistema nervoso central dos mesmos.

E mais, caso ocorra demora no fornecimento do tratamento adequado o quadro é agravado. Veremos que alguns fatores favorecem o aparecimento desta enfermidade, ficar atento a eles faz toda a diferença.

O protozoário causador da bambeira equina é o *Sarcocystis Neuroma*, normalmente ele é eliminado através das fezes dos gambás e das raposas. Então, ocorre a contaminação de ambientes como as pastagens e rios, aí para a contaminação do animal são poucos passos.

Ao ingerir o alimento ou a água contaminada, os cavalos se tornam acidentalmente hospedeiros dos protozoários que causam a bambeira equina.

Estes se deslocam do intestino para a corrente sanguínea, e em seguida ultrapassam a barreira hematoencefálica, atingindo finalmente o sistema nervoso central. Com isso, a medula é afetada e junto a isso vem várias consequências. Aliás, os principais locais onde os protozoários se instalam são o tronco cerebral e a medula espinhal.

Para identificar a doença é preciso realizar exames laboratoriais, juntamente com a análise dos sinais clínicos neurológicos.

Confira abaixo os principais sinais clínicos da Bambeira Equina:

- No começo geram fraquezas;
- Tropeço no solo ou em objetos;
- Arrastamento de pinças;
- Perda de equilíbrio e sensação de bambeira;
- Atrofias musculares focais;
- Inclinação de cabeça;
- Paralisia de nervo facial;
- Sinais de disfagia.

Com a bambeira equina os cavalos passam a oscilar a movimentação de seus membros superiores em diferentes graus, pode ocorrer um simples moleza, ou em casos mais graves a queda do animal. Ainda mais, podem ocorrer atrofias musculares em consequência da falta de uso de alguns grupos musculares, os principais são os glúteos e os quadris.

Antes de controlar a doença é importante realizar a prevenção, para isso é preciso realizar a higienização dos locais onde os cavalos se alimentam, nos cochos onde são fornecidas a água e a ração. O controle da bambeira equina é feito em duas vertentes, a primeira delas é a busca da eliminação dos gambas. A segunda forma é a realização do isolamento da alimentação dos equinos.

O tratamento da bambeira equina, precocidade é a palavra chave. Assim, quando identificada nos primeiros estágios é possível realizar um tratamento prolongado e que traga bons resultados e evitando perda dos animais.

Então, caso seja recomendado o tratamento, ele ocorre por meio da utilização de drogas específicas, anti-inflamatórios e complementação vitamínica objetivando a recuperação do tecido nervoso.

Síndrome Cólica

As frequentes manifestações de dores abdominais em cavalos, na grande maioria das vezes, são causadas por cólicas provenientes do aparelho digestivo.

Quando em fase inicial, a dor apresenta-se intermitente, podendo durar por aproximadamente de 10 minutos, com intervalos de relaxamento.

Quando mais grave, a dor é contínua e vem acompanhada de sinais de choque, sudorese abundante, respiração ofegante e movimentos involuntários.

Os cavalos possuem estômago pequeno e não tem rúmen, sua alimentação não pode sofrer alterações bruscas, sejam elas na quantidade ou na qualidade do alimento, evitando, assim, a distensão do estômago por excesso de comida.

Portanto, o criador deverá se atentar a qualquer irregularidade, por exemplo, evitar alimentos finamente moídos, evitar alimentar os cavalos antes de começarem a trabalhar e, ainda, evitar alimentos deteriorados, como forrageiras e concentrados mofados, mal conservados ou vencidos.

Esses fatores são os principais responsáveis pela formação de gases ou líquidos de fermentação que causam cólicas nos equinos.

Os principais sintomas de cólica nos cavalos são:

- agitação;
- olhares frequentes para o flanco;
- rolamento pelo chão;
- raspamento do chão;
- sapateamento;
- coices;
- queda.



De acordo com a sua origem, a cólica equina é dividida em duas categorias: primária ou verdadeira e secundária ou falsa.

Cólica Primária ou verdadeira: acontece devido à distensão do estômago ou do intestino. Quando a cólica primária acontece, ela pode ser estática, ocorrendo acúmulo de alimento, gás ou líquido, ou ela pode ser transitória, ocorrendo distensão periódica local, proveniente de um espasmo e aumento dos movimentos peristálticos do intestino.

Cólica Secundária ou falsa: este tipo de cólica acontece quando a causa provém de afecções do peritônio, baço, rins, intoxicações alimentares e outros órgãos internos.

Os tipos mais comuns de cólicas que mais afetam os equinos são:

Cólica de impacto: neste caso há uma obstrução, na maioria das vezes no intestino grosso, por causa de uma sobrecarga de alimento fibroso não-digerível.

Cólica por gases: ocorre devido ao estiramento do intestino grosso, acarretando em dor abdominal.

Cólica espasmódica: ocorre devido a um acúmulo de gás dentro do aparelho digestivo.

Cólica por parasitas: ocorre quando o equino apresenta grande número de parasitas, por exemplo, o *Parascaris equorum*.

Colite: ocorre devido à inflamação do intestino grosso.

Deslocamento ou torção gástrica: também conhecida como vólculo, este tipo de cólica ocorre quando o intestino do cavalo encontra-se em posição anormal no abdômen.

Independente do tipo, é fundamental que o cavalo receba atendimento o mais rápido possível, de preferência quando as fezes ainda estão sendo eliminadas, quando há a presença dos ruídos intestinais e quando há um sintoma retal positivo. Portanto, não deixe de solicitar a presença de um profissional para fazer o correto diagnóstico da dor, indicando o tratamento correto ao animal. Resta ao criador, enfim, fazer a prevenção com um correto manejo animal, para que este sintoma não volte a acometer seu animal.

Laminite

A laminite, chamada popularmente de aguento, é uma das doenças locomotoras mais conhecidas de equinos por aparecer com frequência nas propriedades. Essa enfermidade é caracterizada pela inflamação aguda ou crônica das lâminas do casco, causando dor intensa e desconforto aos animais acometidos.

Dentre as principais perdas, podemos destacar o baixo desempenho dos animais atletas, gastos com medicamentos e cuidados especiais com acompanhamento de perto.

Os principais fatores relacionados com a doença são os distúrbios metabólicos no organismo do animal que promovem a vasoconstrição periférica dos vasos sanguíneos do casco. Ou seja, ocorre à diminuição do diâmetro dos vasos sanguíneos que estão ao redor das estruturas internas do casco, causando um quadro de isquemia (redução ou suspensão da irrigação sanguínea) e, conseqüentemente, um processo inflamatório.

- Alimentação indevida com excesso de carboidratos (grãos);
- Quadros de endotoxemia (acúmulo de toxinas);
- Baixa concentração de glicose nos tecidos do casco;
- Enfermidades no sistema digestório (síndrome cólica, processos obstrutivos, etc.);

- Excesso de peso/apoio em um único membro;
- Obesidade;
- Hipotireoidismo;
- Hiperadrenocorticismismo ou Síndrome de Cushing;
- Administração de alguns fármacos inadequadamente, como os corticosteroides e o praziquantel;
- Atividades físicas em solos muito duros;
- Banhos gelados após a prática de exercício;
- Ingestão de água gelada após prática de exercícios físicos;

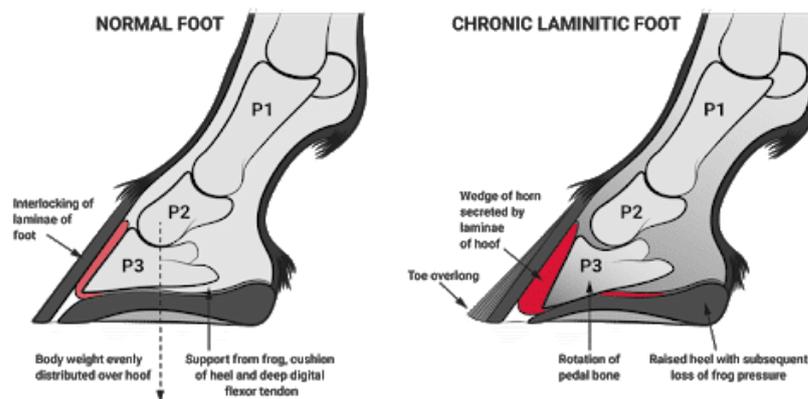
Os animais predispostos a desenvolver a laminite são aqueles que não possuem os cuidados básicos necessários ou que sofrem com um manejo inadequado para a espécie. Estão mais suscetíveis os cavalos que: ingerem carboidratos em excesso, obesos, animais com a imunidade baixa (propensos a ter uma infecção), equinos que passaram por um tratamento com anti-inflamatórios esteroidais ou que apresentam alguma doença endócrina relacionada.

O principal sintoma da laminite é a dor intensa, causada pela inflamação da lâmina do casco. Como consequência da dor na região afetada, também é possível observar: aumento da temperatura na superfície do casco, aumento do pulso das artérias próximas ao casco, animal alterando com frequência a distribuição de peso nos membros (evitando a pata acometida), claudicação (ato de mancar), cavalo apoiando a maior parte do peso nos membros posteriores (de trás), rejeição ao realizar a pinça de casco, resistência à locomoção, tremores musculares, respiração ofegante, aumento da temperatura retal, aumento da frequência cardíaca, mucosas hiperêmicas (mais avermelhadas que o normal), falta de apetite e ansiedade.

Em casos mais graves ou crônicos, a lesão normalmente evolui para uma mudança na anatomia do casco, isto é, a rotação da falange distal. A rotação acontece pela falha na ligação da terceira falange com a parte interna do casco, que somada ao peso do animal e aos movimentos biomecânicos repetitivos, resulta na mudança do posicionamento.

O diagnóstico da laminite em equinos pode ser feito através dos exames físicos e da anamnese do animal, relatada pelo proprietário.

Em relação à anamnese, é possível observar erros de manejo ou sinais de alguma outra doença associada durante a descrição do proprietário. Para confirmar a laminite, existem alguns exames complementares que podem auxiliar o Médico Veterinário a obter um diagnóstico preciso. O exame radiográfico é um deles.



O objetivo do tratamento da laminite é impedir a rotação da terceira falange (se ainda der tempo) e diminuir o processo inflamatório na região para aliviar a dor e desconforto do animal. Para isso, é preciso seguir dois tipos de tratamento: suporte e medicamentoso.

É possível prevenir a laminite através de um bom manejo nutricional (com pouco carboidrato e suplementação, se necessário), cuidados básicos na realização de exercícios físicos (principalmente animais atletas), não deixando o animal com frequência em solos duros, realizando controle de peso e mantendo atenção nos transportes que costumam ser mais demorados. Além disso, é imprescindível fazer um casqueamento correto com frequência.

